

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Júlia Lopes Coelho

Um estudo sobre ideias da Antiguidade no discurso conservador sobre questões de gênero na internet

Juiz de Fora
2025

Júlia Lopes Coelho

Um estudo sobre ideias da Antiguidade no discurso conservador sobre questões de gênero na internet

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Linguagem e Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Carol Martins da Rocha

Juiz de Fora
2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Coelho, Júlia Lopes.

Um estudo sobre ideias da Antiguidade no discurso conservador sobre questões de gênero na internet / Júlia Lopes Coelho. -- 2025. 75 p.

Orientadora: Carol Martins da Rocha

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2025.

1. Antiguidade clássica. 2. pensamento greco-latino. 3. gênero. 4. internet . I. Rocha, Carol Martins da, orient. II. Título.

Júlia Lopes Coelho

Um estudo sobre ideias da Antiguidade no discurso conservador sobre questões de gênero na internet

Dissertação
apresentada ao
Programa de Pós-
Graduação em
Linguística
da Universidade
Federal de Juiz de
Fora como requisito
parcial à obtenção do
título de mestre em
linguística. Área de
concentração:
linguística.

Aprovada em 24 de março de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Carol Martins da Rocha

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Katia Teonia Costa de Azevedo

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Carlos Renato Rosário de Jesus

Universidade do Estado do Amazonas

Juiz de Fora, 18/03/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Carol Martins da Rocha, Professor(a)**, em



24/03/2025, às 16:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Katia Teônia Costa de Azevedo, Usuário Externo**, em 25/03/2025, às 16:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Renato Rosário de Jesus, Usuário Externo**, em 26/03/2025, às 11:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2299763** e o código CRC **53FDF8B4**.

Dedico este trabalho aos meus pais, que me apoiaram em todos os momentos. Helena e Márcio, sem vocês, nada disso teria sido possível. Serei eternamente grata. Vocês formaram a primeira mulher mestra da família!

AGRADECIMENTOS

O ciclo mais importante de minha vida está chegando ao fim e eu não poderia deixar de agradecer a quem fez parte dele. Primeiramente, gostaria de agradecer a minha orientadora, Prof. Dra. Carol Martins da Rocha, que, nesses dois anos, compartilhou seus conhecimentos comigo, acreditou mais em mim do que eu mesma acreditava e me apresentou o melhor tema de dissertação. Uma das mulheres mais inteligentes que já conheci. Muito obrigada, Carol!

Agradeço também aos membros da presente banca, Prof. Dra. Katia Teonia Costa de Azevedo e Prof. Dr. Carlos Renato Rosário de Jesus, professores brilhantes, que tive a honra de ter em minha banca de qualificação e, agora, na minha banca de defesa de mestrado. Obrigada por todas as críticas e sugestões. Vocês foram fundamentais nesta pesquisa.

Agradeço, ainda, a Capes por tornar esta pesquisa viável. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Agradeço, também, ao PPG Linguística da UFJF por ter contribuído para a minha formação acadêmica.

Aos meus pais, Helena e Márcio, agradeço por todo o apoio e por todas as oportunidades que me deram. Obrigada por acreditarem na educação pública, gratuita e de qualidade. Eu sou fruto dela!

Agradeço ao Pedro, meu companheiro, por todo o amor, o carinho e a paciência que teve comigo durante esse tempo. O seu apoio foi fundamental para que eu conseguisse concluir o mestrado.

Agradeço também a Deus e a espiritualidade amiga, que me mostraram a chamada para o mestrado e que guiam todos os meus passos.

Não posso deixar de agradecer também as amigas que a pós-graduação me deu. Camila, Luiza e Marcella, a amizade de vocês fez com que a jornada se tornasse mais leve.

Por fim, mas não menos importante, meus agradecimentos vão a todas as pessoas que estiveram comigo nesse período ou que passaram por mim. Com certeza, o apoio e o incentivo de vocês me ajudaram muito.

[...] não somos apenas vítimas ou joguetes da herança clássica, mas ela nos forneceu um poderoso gabarito para pensar a respeito do discurso público e decidir o que define como oratória boa ou ruim, persuasiva ou não, e a qual discurso deve ser dado espaço para ser ouvido. E o gênero é, sem sombra de dúvida, parte importante dessa mistura (Beard, 2023, p. 32).

RESUMO

Sabemos que historicamente ideias relacionadas (ou construídas a partir) da Antiguidade já serviram para validar diferentes tipos de discursos, como afirma Helen Morales em seu livro, *Presença de Antígona* (2021, p. 15): “A Antiguidade Clássica foi usada para justificar o fascismo, a escravidão, a supremacia branca e a misoginia”. Tal questão, inclusive, já vem motivando discussões por parte de estudiosos, como DuBois (2001), Zuckerberg (2018), Peralta (2020) e Morales (2021), a respeito de como os temas abordados nas produções escritas da Antiguidade greco-romana têm influenciado o pensamento, sobretudo, no Ocidente, a partir de interpretações variadas ao longo do tempo e também a depender do espectro político de quem as propõe. Dessa forma, diante da necessidade de realizar em nosso país pesquisas semelhantes às dos estudiosos mencionados e, pensando na interpretação da Antiguidade que vem sendo feita por membros de comunidades *Red Pill*, nosso estudo visa responder a seguinte pergunta: “como a Antiguidade greco-latina vem sendo usada para embasar a discussão de diferentes temas relacionados às questões de gênero, sobretudo no ambiente de perfis antifeministas?”. Para isso, observaremos, através do método qualitativo, como isso se dá nas redes sociais, mais especificamente, em vídeos do *YouTube*. Seleccionamos, dessa forma, um canal, denominado *Pl@tinho*, em que seu produtor parece estampar uma postura misógina. Interessa-nos, especialmente, o fato de que ele, por vezes, parte de concepções embasadas na Antiguidade greco-latina, para reforçar discursos e ideias relacionadas a um ideal de mulher específico: o sexo frágil e submissa ao homem. Mesmo o título de alguns vídeos pode deixar entrever a leitura que o *youtuber* faz do pensamento greco-romano. Portanto, analisamos quatro vídeos selecionados, através de dois eixos, quais sejam, o da representação da mulher e do conhecimento científico como ferramenta de opressão da mulher, com o objetivo de observar o modo como uma determinada imagem da Antiguidade está presente em discursos relacionados às questões de gênero na atualidade, sobretudo no Brasil.

Palavras-chave: Antiguidade clássica; pensamento greco-latino; gênero; internet.

ABSTRACT

Historically, ideas derived from or associated with Greco-Roman antiquity have been employed to legitimize a wide range of ideological discourses, as Helen Morales notes in *Antigone's Rising* (2020, p. 15): "Classical antiquity has been used to justify fascism, slavery, white supremacy, and misogyny." This phenomenon has prompted scholars such as DuBois (2001), Zuckerberg (2018), Peralta (2020), and Morales (2021) to examine how themes present in Greco-Roman literary and philosophical traditions have shaped intellectual thought—particularly in the western world—according to varying historical contexts and across the political spectrum. Given the need for similar scholarly inquiry within the Brazilian context and in light of the interpretations of classical antiquity emerging within so-called "Red Pill" communities, this study seeks to address the following research question: "How has Greco-Roman antiquity been mobilized to support discourse on gender-related issues, particularly within anti-feminist online spaces?" To address this question, I will employ a qualitative methodology to investigate how such appropriations of classical antiquity manifest on social media platforms, with a specific focus on YouTube. I have selected the channel Pl@tinho, whose content creator appears to adopt a distinctly misogynistic stance. Of particular interest is the way in which this individual occasionally invokes concepts from Greco-Roman antiquity to support and reinforce a specific ideal of womanhood that is characterized by fragility and subordination to men. Even the titles of certain videos offer insights into how Greco-Roman thought is interpreted and recontextualized within these digital narratives. Accordingly, I will analyze four selected videos by using two analytical axes: the representation of women, and the instrumentalization of scientific discourse to justify the oppression of women. The objective is to investigate how particular images and ideas from Classical antiquity continue to influence contemporary gender discourse in Brazil, especially within anti-feminist digital subcultures.

Keywords: Classical Antiquity; Graeco-Roman thought; gender; internet.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	13
2 SOBRE NOSSO <i>CORPUS</i>	28
2.1 ESCOPO E MÉTODO DE SELEÇÃO	28
2.2 O CANAL E SEU CRIADOR.....	29
2.3 SELEÇÃO DOS VÍDEOS	32
3 ANÁLISE DOS VÍDEOS.....	34
3.1 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER.....	34
3.1.1 Análise do Vídeo: “Silenciament0? <i>Mulheres e Poder: Um Manifesto</i> ”, do canal Pl@tinho.....	34
3.1.2 Análise do Vídeo: “Édip0 Rei, Oresteia e Submissão Feminin@ na tragédia grega”, do canal Pl@tinho.....	41
3.2 O CONHECIMENTO CIENTÍFICO COMO FERRAMENTA DE OPRESSÃO DA MULHER	44
3.2.1 Análise do Vídeo: “A Fúri@ de Aquiles”, do canal Pl@tinho	44
3.2.2 Análise do Vídeo: “N@tureza feminin@? Edgar Morin e Camille Paglia”, do canal Pl@tinho.....	49
4 CONCLUSÃO.....	53
REFERÊNCIAS	55
ANEXO A - Transcrição do Vídeo: “Silenciament0? <i>Mulheres e Poder: Um Manifesto</i> ”, do canal Pl@tinho.....	58
ANEXO B - Transcrição do Vídeo: “Édip0 Rei, Oresteia e Submissão Feminin@ na tragédia grega”, do canal Pl@tinho.....	62
ANEXO C - Transcrição do Vídeo: “A Fúri@ de Aquiles”, do canal Pl@tinho.....	66
ANEXO D - Transcrição do Vídeo: Transcrição do Vídeo: “N@tureza feminin@? Edgar Morin e Camille Paglia”, do canal Pl@tinho	73

1 INTRODUÇÃO

Diante do crescimento, nos últimos anos, de vídeos publicados nas redes sociais disseminando discursos misóginos (Santini *et al.*, 2024, p. 22), utilizando, inclusive, a Antiguidade como fonte de embasamento, e diante, sobretudo, da deficiência de estudos na área, principalmente no contexto brasileiro, surgiu a proposta de análise desta presente dissertação. Assim, inicialmente, pensamos em delimitar nosso *corpus*, observando dois canais em que os produtores de conteúdo utilizassem a Antiguidade como base para disseminar conteúdos misóginos no YouTube. O motivo para a escolha desta rede social é o seu alcance de público – segundo Santini et al. (2024, p. 11), o YouTube tem uma audiência, em nosso país, de, aproximadamente, 147 milhões de pessoas, além de responder por 20% do tráfego da Web Mundial de usuários – e o fato de que ela possibilita a publicação de vídeos mais longos, o que permitiria que uma análise mais aprofundada do tema fosse realizada. Dessa forma, naquela altura foram escolhidos dois canais: o primeiro, denominado como Pl@tinho¹, com 103 mil inscritos e cerca de 7, 5 milhões de visualizações, e o segundo, denominado como C0pini, com 877 mil inscritos e cerca de 68 milhões de visualizações nos vídeos nesta data.

Para a análise, foram inicialmente selecionados sete vídeos no total, sendo quatro do canal C0pini e três do canal Pl@tinho, divididos em três temas diferentes, a saber: o papel da mulher na sociedade atual, o relacionamento entre homem e mulher e a masculinidade. Nosso objetivo seria realizar uma comparação entre eles, buscando entender de que modo (e se) os pensamentos dos criadores de conteúdo convergiam e divergiam. Contudo, depois do exame de qualificação, com base nas sugestões da banca – a quem agradecemos – nosso foco de análise passou a recair somente sobre um canal. Tal decisão se deu por acreditarmos que mais interessante do que a comparação entre os canais seria um aprofundamento estudo de somente um canal, para que, assim, pudéssemos traçar de maneira mais detalhada a presença de ideias relacionadas à Antiguidade Clássica nesse conteúdo em específico, como um exemplo da presença principalmente da misoginia nessa rede social. Dessa forma, optamos pelo canal Pl@tinho, uma vez que seu produtor de conteúdo procura se posicionar claramente como um intelectual, citando filósofos como Adorno, Horkheimer, Sloterdijk e Morin e estudiosas, como Beard e Paglia, além de utilizar personagens da mitologia greco-romana, como Antígona, Apolo, Dioniso e Aquiles, para traçar suas reflexões.

¹ Para evitar que uma busca na internet pelo nome do canal selecionado bem como de seu criador remeta este trabalho, decidimos descaracterizar essas informações usando caracteres especiais em vez das letras “a” e “o”.

Isto posto, nosso trabalho está dividido nas seguintes partes. Primeiramente, em nossa Contextualização, fazemos uma revisão bibliográfica sobre o tema. Em seguida, no capítulo dois, tratamos de nosso *corpus*, apresentando nossa metodologia, bem como o canal escolhido e seu criador e, ainda, os vídeos selecionados. No capítulo três, analisamos os vídeos selecionados, aprofundando nossas reflexões. Por fim, na Conclusão, trazemos nossas considerações sobre o estudo. Ao final de nossa dissertação, nos Anexos, apresentamos as transcrições dos vídeos utilizados na presente pesquisa.

Mencionamos, ainda, que o presente estudo se baseou em uma leitura de viés feminista, adotando como referências estudiosas – sejam aquelas dedicadas ao estudo da Antiguidade, como Rabinowitz e Richlin (1993); DuBois (2001), Zuckerberg (2018), Morales (2021) e Beard (2023), sejam aquelas dedicadas a outras áreas do conhecimento, como Beauvoir (1967), Badinter (1985), Aronovich (2011), Lerner (2019) e Valente (2023) –, que procuram, em seus trabalhos, criticar estruturas como o patriarcado, por exemplo. Por fim, afirmamos que realizar o presente estudo não foi uma tarefa fácil, pois, a partir do momento em que observamos que discursos misóginos estão crescendo em nosso país (Santini *et al.*, 2024, p.22), percebemos que a luta pela real igualdade de gênero ainda está longe de acabar e que, se toda a sociedade não se unir para subverter a ordem (Morales, 2021), as mulheres (e outros grupos considerados minoritários) correm o risco de terem seus direitos conquistados (e outros ainda nem obtidos) ameaçados novamente.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Sabemos que historicamente ideias relacionadas (ou construídas a partir) da Antiguidade já serviram para validar diferentes tipos de discursos, como afirma Helen Morales, que possui a cadeira Argirópulo em estudos helênicos na Universidade da Califórnia, Santa Bárbara, em seu livro, “*Presença de Antígona: o poder subversivo dos mitos antigos*”, publicado em 2020 e traduzido para o português por Angela Lobo de Andrade em 2021. Nas palavras de Morales (2021, p. 15): “A Antiguidade Clássica foi usada para justificar o fascismo, a escravidão, a supremacia branca e a misoginia”². Tal questão, inclusive, já vem motivando discussões a respeito de como os temas abordados nas produções escritas da Antiguidade greco-

² Morales cita ainda influências positivas do ideal de Antiguidade: “Teve um papel essencial também no idealismo político, inspirando diversas correntes, como os Pais Fundadores (e influenciando documentos fundamentais como a Declaração da Independência e a Constituição dos Estados Unidos), movimentos sindicais, o marxismo e o movimento pelos direitos dos homossexuais.” (Morales, 2021, p. 15-16).

romana têm sido analisados e, de certa forma, têm influenciado o pensamento, sobretudo, no Ocidente. Em nossa pesquisa, trataremos mais especificamente do modo como ideais alegadamente calcadas no pensamento da Antiguidade Clássica têm servido de base para a argumentação de um grupo que podemos classificar como conservador³, mas que, em geral, para além do espectro político, costuma reproduzir discursos misóginos. Observamos como isso se dá nas redes sociais, mais especificamente, em vídeos do *YouTube*.

Antes de tratarmos mais especificamente de nosso *corpus*, é importante apontar como o tema vem sendo tratado na bibliografia especializada. É o caso, por exemplo, do livro *Trojan Horse: Saving the Classics from Conservatives* (2001), de Page DuBois, professora de Literatura Comparada e Estudos Clássicos, na Universidade da Califórnia, San Diego. No estudo dedicado à discussão da recepção da literatura clássica pelos conservadores nos EUA de modo mais geral, a estudiosa afirma que “a Grécia Antiga é fetichizada e idolatrada como origem da civilização ocidental, que, por sua vez, é considerada a única fonte de nossa cultura contemporânea” (DuBois, 2001, p. 55)⁴. A estudiosa ainda complementa sua afirmação quanto à influência dessa leitura sobre o pensamento hodierno, explicando que, William Bennett (escritor e político conservador estadunidense), Allan Bloom (filósofo e classicista), entre outros, têm usado um certo ideal da cultura grega para defender suas ideias, fortalecendo, por exemplo, políticos e líderes religiosos que defendem que as mulheres devem obediência aos seus maridos, entre outras questões⁵.

DuBois, em “Whose Greeks?”, primeiro capítulo de seu já mencionado livro, disserta sobre o fato de que os atenienses se autodenominavam como autóctones. Há, entretanto, um apagamento do fato de que, na verdade, o mito sobre a origem desse povo é marcado pela violência. DuBois retoma a narrativa mítica sobre o povo ateniense no seguinte trecho:

Era uma vez Hefesto, que passou a desejar a deusa virgem de Atenas, Atena, e tentou estuprá-la. Ela lutou contra ele e, no processo, ele ejaculou em sua

³ Segundo Charaudeau (2016 *apud* Dos Santos, 2021, p. 389), a matriz ideológica de direita tende ao conservadorismo, defendendo, por exemplo, valores como a família, através da tradição do patriarcado. Do mesmo modo, DuBois (2001, p. 27) caracteriza o movimento do conservadorismo cultural (“cultural conservatism”), apoiando-se em estudiosos, como aquele que tem como objetivo preservar a “cultura ocidental tradicional”, com base na ideia de que para nossa sociedade ser bem-sucedida a conservação de tal cultura e, conseqüentemente, dos valores ocidentais tradicionais, como os judaico-cristãos, se faz necessária.

⁴ “Ancient Greece is fetishized and idolized as the origin of Western civilization, which is in turn considered to be single source of our contemporary culture”. Todas as traduções de língua estrangeira, salvo indicação em contrário, são nossas.

⁵ Allan Bloom (1987, p. 65 *apud* Rabinowitz e Richlin 1993, p. 6), inclusive, se referiu ao feminismo como sendo uma face do inimigo.

capa. Atena limpou sua roupa com um pedaço de lã, deixou-o cair no chão e, assim, fertilizou a terra, a deusa Gaia, com a semente do deus ferreiro. Desta união nasceu o povo ateniense [...] (DuBois, 2001, p. 5)⁶.

Ao mencionar tal narrativa, a estudiosa procura ressaltar algo que os conservadores, que idolatram um estereótipo da sociedade grega antiga, acabam manipulando e distorcendo para alcançarem seus objetivos políticos. DuBois esclarece que sua pesquisa não busca enaltecer nem injuriar a antiga Atenas e seu povo, mas que é importante deixar claros determinados aspectos característicos da Grécia Antiga, como, por exemplo, o fato de que o cidadão ateniense clássico subjugava mulheres e mantinha escravos.

Além disso, a estudiosa aborda três pontos comuns em Atenas que estudos na área tornaram mais visíveis atualmente, mas que diferem de nossa sociedade e que costumam ser omitidos pelos grupos conservadores em seu ideal de mundo antigo. São eles: as práticas sexuais, a democracia radical e o politeísmo. Em relação ao primeiro ponto, as práticas sexuais, podemos citar, conforme DuBois (2001) explica, que existia uma lei que obrigava os maridos a fazerem sexo com as suas esposas uma quantidade de vezes por mês, para a manutenção da família e da cidade, fazendo com que o sexo fosse considerado uma obrigação entre parceiros casados. Além disso, era comum os homens cidadãos dominarem sexualmente mulheres, escravas, escravos e meninos – contudo, apesar de já estar presente o homoerotismo, considerado, inclusive, como um dos dons de Afrodite, é importante que entendamos, conforme elucida DuBois (2001, p. 87-88), que a homossexualidade grega não era vista da mesma maneira que é vista na nossa sociedade, uma vez que era considerada como parte de uma situação específica, chamada de pederastia (relação entre um homem mais velho e um jovem), sendo entendida, então, como um caminho em direção à vida filosófica. Já em relação à democracia radical, podemos destacar, conforme elucida a estudiosa, que a cidadania era um direito reservado a homens cujos pais eram filhos de cidadãos e que mulheres, estrangeiros e escravos eram proibidos de desfrutar das vantagens da cidadania. Por fim, em relação ao terceiro ponto, o politeísmo, podemos observar, também conforme argumenta DuBois (2001, p. 135), que o mundo dos gregos era repleto de deuses, responsáveis pelos mistérios da guerra e da paz, do nascimento e da morte, entre outros assuntos.

⁶ “Once upon a time Hephaistos conceived desire for the virgin goddess of Athens, Athena, and tried to rape her. She fought him off, and in the process he ejaculated on her cloak. Athena brushed off her garment with a bit of wool, let it fall to the ground, and thus fertilized the earth, the goddess Gaia, with the smith god’s seed. From this union were born the Athenian people [...]”.

Ainda nesse sentido, mais recentemente, Donna Zuckerberg, classicista estadunidense, apresentou um estudo específico sobre o tema que nos interessa nessa dissertação. Em *Not All Dead White Men: Classics and Misogyny in the Digital Age* (2018), a estudiosa trata da relação entre os Estudos Clássicos e discursos misóginos, analisando como os textos clássicos têm sido utilizados por grupos das comunidades *Red Pill*⁷, para ajudar a embasar discursos misóginos reproduzidos em redes sociais dos Estados Unidos. Dada à relação direta do estudo com o tema que elegemos, faremos uma apresentação mais detida sobre ele para, em seguida, apontar em que sentido nossa abordagem diverge da de Zuckerberg.

Na introdução de seu livro, Zuckerberg cita, a título de exemplo, o *Identity Evropa*⁸, grupo de extrema-direita, que se apropria de textos e figuras históricas da Grécia e Roma Antiga para embasar a visão reacionária de masculinidade branca ideal por ele propagada, que se enquadra sob o guarda-chuva descrito pelo termo *Red Pill*. Faz-se aqui uma referência a uma cena do filme *Matrix*, em que Morpheus oferece a Neo duas opções, definidas pela ingestão de uma pílula. Ao tomar a pílula azul, Neo retornaria a um estado de ignorância (em que vivia anteriormente); ao tomar a pílula vermelha (*red pill*), Neo aprenderia a verdade sobre sua realidade. Para os *redpillers*, então, um homem que aceitou tomar a pílula vermelha conseguiria enxergar a injustiça que os homens sofrem, uma vez que a sociedade privilegiaria as mulheres (Zuckerberg, 2018, p. 194). Assim, passaria a compreender, de acordo com Vilaça e D'Andréa (2021, p. 426), a misandria, a dominação da “extrema esquerda”, a “lavagem cerebral” que o feminismo faz, entre outras questões.

A interpretação dos grupos misóginos, contudo, difere da proposta pelas diretoras do filme *Matrix*. Conforme explicam Vilaça e D'Andréa (2021, p. 413), “a pílula vermelha seria uma referência à pílula de estrogênio e escolher tomá-la e entrar na Matrix seria uma alegoria à transição de gênero”. Dessa forma, ainda de acordo com Vilaça e D'Andréa (2021), Lilly Wachowski, uma das criadoras do mencionado filme, rotineiramente se posiciona em suas redes sociais de forma contrária às interpretações que estão sendo dadas por grupos conservadores sobre o significado da pílula vermelha.

Outro comportamento notado por Zuckerberg é o fato de que os membros de comunidades *Red Pill* desdenham das plataformas de mídia social, mas a utilizam como principal modo de comunicação. Dessa maneira, representantes desses grupos estão presentes

⁷ A *Red Pill*, conforme explica Zuckerberg (2018), pode ser compreendida como um grupo de homens ligados por ressentimentos comuns contra as mulheres, os imigrantes, os negros e a elite liberal. O termo será melhor explicado mais à frente.

⁸ Conforme explica Zuckerberg (2018), a *Red Pill* é composta por vários subgrupos, como, por exemplo, *Alt-Right*, *Men Going Their Own Way*, *Pickup Artists*, entre outros.

no *Twitter*, no *Gab* (rede social menos restritiva do que o *Twitter*), no *Reddit* e no *Voat* (rede social que também é menos restritiva do que o *Reddit*). O conjunto das comunidades que atuam na dispersão desse tipo de pensamento misógino é denominado “manosphere” (ou “machosfera” em português). Como elucidam Vilaça e D’ Andréa (2021, p. 414), “a *manosphere* é pensada como uma coletânea heterogênea de diversas comunidades e fóruns *online*”, presentes nos *subreddits*, canais do *YouTube*, entre outros⁹.

Estudos com dados oriundos dessas comunidades, segundo Zuckerberg (2018, p. 11), apontaram o seguinte perfil prevalente: 75% dos homens são brancos, heterossexuais, conservadores, sem afiliação religiosa forte e têm entre 18 e 35 anos. Além disso, a estudiosa aborda sobre a legitimidade que os membros da *Red Pill* ganharam com a ascensão da extrema-direita, através da primeira eleição de Donald Trump, em 2016, fazendo com que se tornassem mais francos sobre as suas ideologias e não tivessem medo de expor suas ideias, que antes seriam rotuladas como sexistas.

Os homens que pertencem a grupos *Red Pill* acreditam, como já mencionamos, que a sociedade é injusta com os homens brancos heterossexuais e é projetada para favorecer as mulheres (Zuckerberg, 2018, p. 1-2). Essa concepção provém de supostas pesquisas feitas nos Estados Unidos que mostrariam que homens estão em circunstâncias desfavoráveis em relação às mulheres, já que, elas, por exemplo, quase nunca são falsamente acusadas de estupro e quase nunca são obrigadas a pagar pensão alimentícia para crianças sobre as quais não têm direitos parentais. Assim, o grupo *The Men’s Human Rights Movement* (MHRT), (“Movimento dos Direitos Humanos dos Homens”), por exemplo, oferece, segundo a pesquisadora, uma plataforma para que qualquer pessoa ajude a combater a misandria.

No que diz respeito ao modo como membros de comunidades *Red Pill* transformam a Antiguidade, Zuckerberg (2018, p. 3) afirma que se impõe aqui a lógica do “meme”: uma imagem de estátua da Grécia e Roma antigas vira um atalho para que esses homens projetem sua ideologia e a transmitam ao mundo todo. Além disso, acrescenta a estudiosa, alegando se embasarem em autores como Ovídio e Marco Aurélio, os membros dessas comunidades tentam

⁹ Nesse sentido, é importante notar como a circulação de discursos misóginos perpassa tanto um ambiente mais obscuro da internet (a chamada *deep web*) quanto esferas mais controladas desse espaço, como as plataformas como *Instagram*, *YouTube* etc. Carecemos ainda de estudos que apontem de forma mais sistemática a relação entre esses diferentes ambientes, no que diz respeito seja à disseminação de ideias seja às fontes de financiamento compartilhadas, por exemplo. Um caso emblemático do modo como há uma atuação articulada entre membros de grupos masculinistas nas diferentes redes é o de Lola Aronovich. A professora e autora do blog “Escreva, Lola, Escreva” vem sofrendo ameaças constantes (inclusive de morte) de grupos misóginos há pelo menos uma década. Seu nome, inclusive, é registrado na chamada Lei Lola, a lei 13.642 de 2018, que concede à Polícia Federal a atribuição de investigar crimes misóginos na internet (Valente, 2023).

fazer com que se perpetue a ideia de que os homens brancos que devem ser os guardiões da autoridade intelectual, principalmente quando essa autoridade sofre ameaça por parte de negros e mulheres.

Conforme Hall (2008, apud Zuckerberg, p. 23), esse suporte que os membros da *Red Pill* encontram na Antiguidade, ao olharem para os homens brancos mortos do mundo antigo como fontes da sabedoria suprema e concluírem que os homens brancos são melhores – visto que eles deram o início à nossa filosofia, nossa cultura e nossa arte – não é à toa. A expressão “the classical tradition” (“a tradição clássica”), usada para descrever o fenômeno das sociedades pós-clássicas que se posicionam como herdeiras da Grécia e Roma antigas, carrega traços da semelhança entre o termo “clássico” e a palavra “classe”, remetendo ao status social. Isso porque, como elucida a pesquisadora, a população de Roma era dividida em seis grupos, as *classis*. Desse modo, no topo encontravam-se os *classici*, que seriam os homens com mais dinheiro e propriedade, e, por extensão metafórica, os principais autores literários podiam ser denominados como *scriptores classici*, autores clássicos. O conhecimento dos *scriptores classici*, portanto, era reservado ao grupo *classici*. Logo, espelhando-se esse recorte da realidade greco-romana, estar no comando seria um direito dos homens brancos descendentes desse legado.

A misoginia propagada por esse tipo de grupo, como sabemos, já aparecia na literatura grega – para Manne (2019 apud Valente, 2023, p. 10), misoginia pode ser conceituada como um “sistema que opera dentro de uma ordem social patriarcal para vigiar e fazer valer a subordinação das mulheres e para manter a dominância masculina” e, segundo Valente (2023), a filósofa não concorda que a misoginia seja o ódio por mulheres simplesmente devido ao fato de serem mulheres, pois, além de ser difícil de identificar essa atitude, também é difícil dar conta da natureza política da questão. Dessa forma, como indica Zuckerberg (2018, p. 27-30), a ideia de que os homens estariam em melhor situação, se os deuses dessem a eles possibilidade de se reproduzirem assexuadamente se repete na poesia antiga: em a *Teogonia*¹⁰ e *Os Trabalhos*

¹⁰ Zuckerberg (2018, p. 27-28) cita os seguintes versos do poema *Teogonia*:

“She founded the tribe of females,
The destructive tribe of women
Who live amongst mortal men and cause great pain,
Companions in wealth but not in poverty.
That is how Zeus, the loud-thundering one, made women:
As an evil for mortal men, a troublesome partner.
And he added an additional evil to offset the good:
Whoever flees marriage and the mischief of women
And does not wish to marry, that man arrives at destructive
old age

e os Dias, Hesíodo argumenta que os homens estariam bem melhores sem as mulheres; no “Fragmento 7”¹¹, Semônides lista dez tipos de mulheres, comparando-as com animais e explicando por que nove, dos dez tipos, são horríveis, como a mulher-cavala, que passa muito tempo de seu dia se arrumando, a mulher-porca, que é obesa e imunda e a mulher-burra, que é teimosa e faz mal o seu trabalho, prestando, apenas, a mulher-abelha, que cuida bem de sua casa e é boa esposa, alertando, no entanto, que mesmo esta última pode trair seu marido e fazer com que ele vire motivo de chacota. Outro exemplo notado pela estudiosa é o *Econômico*, de Xenofonte, em que Sócrates conta a história de Iscômaco, cuja esposa, habilidosa em cuidar de sua casa, entendeu os papéis apropriados do marido e da esposa por meio do método socrático de perguntas e respostas. Por fim, a “Sátira VI”, de Juvenal é um texto muito usado para persuadir os homens a não se casarem, pois, segundo tal poema, qualquer mulher tornará seu marido um miserável. São passagens da literatura romana como estas, que se alinham à ideologia da *manosphere*, que aparecem nas comunidades *Red Pill*, conforme explica a estudiosa (2018).

Ainda na introdução do livro, Zuckerberg (2018, p. 39-43) apresenta alguns “truques” retóricos usados pelos membros da *Red Pill* associados ao emprego de ideias deturpadas da Antiguidade. O primeiro é chamado de *frame theory* (procedimento semelhante ao que conhecemos por *gaslighting*). Trata-se de uma tática de abuso emocional em que uma pessoa tenta persuadir a outra de que esta não deve acreditar em suas próprias percepções e memórias, amparando-se, pelo contrário, na opinião do(a) abusador(a). O segundo recurso descrito por Zuckerberg é por ela denominado *the appropriative bait-and-switch* (numa tradução mais livre seria algo como “engodo da apropriação”). Essa seria uma técnica que, tomando emprestada a linguagem utilizada pelos movimentos sociais ao tratar da opressão, introduz, de forma intencional, uma confusão sobre quem é o verdadeiro oprimido. Nesse sentido, também termos usados no campo acadêmico são alvo de deturpação. É o caso do emprego de “narrativa” (em inglês, *narrative*): presente em várias definições (narrativa liberal, narrativa multicultural etc.), o termo em si nunca é propriamente esclarecido. O último recurso descrito por Zuckerberg é a “falsa equivalência” (*false equivalence*). Trata-se de um “truque” retórico que tenta, por exemplo, rotular as feministas como hipócritas por lutarem contra a cultura do estupro, mas não

Without any children to take care of him. He is prosperous
While he lives, but when he is gone, his relatives,
Divide up his possessions”. (Theogony 591-607).

¹¹ A tradução do referido fragmento 7 pode ser consultada no texto: BRASETE, M. F. “**A crítica às mulheres no fr. 7 de Semônides de Amorgos**” in: C. de M. Mora (org.), *Sátira, paródia e caricatura: da Antiguidade aos nossos dias*. Aveiro: Universidade, 2003, p. 39-56.

se preocuparem com falsas alegações de estupro (o que, nessa argumentação, deveria ser equivalentemente preocupante).

No capítulo 2, “The Angriest Stoics”, a estudiosa (2018) aborda questões relacionadas à apropriação de ideias atribuídas ao estoicismo, escola filosófica fundada por Zenão de Cítio, em Atenas, por volta de 300 a.C. Tal corrente de pensamento costuma ser um dos pilares do raciocínio conservador divulgado hodiernamente nas redes sociais. Zuckerberg (2018, p. 46) apresenta resumidamente a doutrina desta maneira:

o estoicismo (...) ensina a seus adeptos que praticamente tudo que é geralmente percebido como danoso (incluindo a fome, a doença, a pobreza, a crueldade e a morte) só é danoso se alguém permite que assim seja. O único mal verdadeiro é o vício.¹²

Assim, conforme Zuckerberg (2018) continua explicando, para o pensamento estoico, representado ainda pelo filósofo Epiteto, é importante que reconheçamos o que está ao nosso alcance e o que não está e que assumamos a responsabilidade por nossas ações. Apesar da diferença de perspectiva, os homens da machosfera, que acreditam que o feminismo é que está causando o declínio da civilização ocidental, nutrem uma profunda admiração pelo estoicismo. Desse modo, textos como os de Marco Aurélio e de Epiteto são considerados leitura recomendada para se tornar um “macho alpha”. Nas palavras da estudiosa:

Esta contradição aparentemente irreconciliável revela, na verdade, um elemento-chave de como os textos antigos são usados na comunidade *Red Pill*. Em vez de estudar o estoicismo de forma profunda e produtiva, seus membros usam uma versão simplificada da filosofia para celebrar o que eles percebem como traços estereotipicamente masculinos, incluindo a suposta inerente capacidade superior dos homens de usar a razão para controlar a emoção. Por meio de antigas ideias estoicas, esses homens se apropriam da autoridade do mundo clássico para dar peso à sua retórica e alimentar sua crença em sua própria superioridade (Zuckerberg, 2018, p. 47)¹³.

¹² “Stoicism (...) teaches its adherents that nearly everything usually perceived to be harmful (including hunger, sickness, poverty, cruelty, and death) is only harmful if one allows it to be. The only true evil is vice.”

¹³ “This seemingly irreconcilable contradiction in fact reveals a key element of how ancient texts are used within the Red Pill community. Instead of deeply and productively studying Stoicism, its members use a simplified version of the philosophy to celebrate what they perceive as stereo typically masculine traits, including men’s supposedly inherent superior capacity to use reason to control emotion. Via ancient Stoic ideas, these men appropriate the authority of the classical world to lend heft to their rhetoric and fuel their belief in their own superiority”.

Dessa maneira, apesar da aproximação direta feita pela comunidade *Red Pill* entre o Estoicismo e o pensamento por ela divulgado, Zuckerberg chama atenção para as diferenças, que são, em geral, omitidas, entre ideais estoicos antigos e postulações masculinas. Um exemplo é que, para os estoicos, tanto homens quanto mulheres teriam a habilidade de, através da razão, discernir entre o que seria uma ação virtuosa ou não, ou seja, os antigos estoicos acreditavam na igualdade teórica dos gêneros, o que diverge do pensamento dos *redpillers* que acreditam na superioridade intelectual dos homens brancos, uma vez que são mais racionais e menos emocionais do que as mulheres.

Outro motivo para se observar o modo como o estoicismo está presente no pensamento masculinista das comunidades *Red Pill* é um entendimento de que um dos objetivos desta corrente filosófica é ajudar no aperfeiçoamento próprio de seus seguidores. Dessa maneira, é comum que os membros desse tipo de comunidade combinem ideias supostamente estoicas com a perspectiva de autoajuda que as caracterizam, uma vez que, como afirma Zuckerberg (2018, p. 59-64) muitos homens se interessam pela *Red Pill* devido ao fato de buscarem conselhos sobre como melhorar a si mesmos. A estudiosa cita, a título de exemplo, o blog *Ilimitable Men*, que usa uma abordagem mais filosófica do que a maioria dos sites da machosfera. Ali, o livro *Meditações*, de Marco Aurélio, aparece em segundo lugar entre dez “livros para homens”, sendo descrito como um guia útil para lidar com a vida. O que a postura desse tipo de comunidade costuma omitir é que os ensinamentos dos textos antigos até podem ser aplicados ao mundo atual, mas, para isso, na maior parte das vezes, exigem alterações, como destaca Zuckerberg. Diferenças como o fato de que os membros da *Red Pill* são nacionalistas, enquanto o estoicismo é uma filosofia cosmopolita, são rotineiramente apagadas.

Ainda tratando sobre autores da literatura greco-latina citados pelos *redpillers* para embasarem seus discursos misóginos, Zuckerberg, no terceiro capítulo de seu livro, chamado “The Ovid Method”, se dedica especificamente a relação entre as ideias presentes na *Arte de Amar* de Ovídio e aquelas defendidas pelas comunidades *Red Pill*. A repercussão da obra do poeta, diferentemente do que ocorre em nosso trabalho, que não se volta para um texto da Antiguidade em específico, é o foco da estudiosa. Quanto à *Arte de amar*, como lembra Zuckerberg, Ovídio apresentava o Amor (no sentido da iniciação e manutenção das relações sexuais) como algo cujas estratégias poderiam ser ensinadas.

A estudiosa procura, então, observar como grupos hodiernos retomam a obra ovidiana em busca de semelhanças entre as estratégias ali apresentadas e seus posicionamentos. É o caso, por exemplo, dos membros do grupo *Pickup Artists*, que se concentram em buscar o aprimoramento de técnicas para seduzir mulheres. Pela semelhança entre os temas, esses grupos

se apresentam como estando de acordo com o que, supostamente, fora ensinado por Ovídio, de modo que a sedução, para eles, constitui-se como uma ferramenta. Ainda segundo a estudiosa (2018), podemos perceber as semelhanças entre os guias de sedução antigos e modernos através da tentativa de valorizar a subjetividade masculina e através da tentativa de violar os limites das mulheres. Dessa forma, o objetivo dos guias de sedução das comunidades *Red Pill*, de acordo com Zuckerberg, é ensinar aos homens que seu desejo masculino importa mais do que os limites femininos, ou seja, o que as mulheres querem e consentem é irrelevante. Em suas palavras:

[...] As referências casuais de Ovídio à agressão/violência sexual parecem muito mais sinistras e menos irônicas quando se percebe que ideias semelhantes estão hoje/atualmente difundidas na comunidade de sedução. Além disso, Ovídio mostra que, para certos homens, a ideia mais sedutora de todas é que dominar a arte do amor – isto é, aprender como violar os limites das mulheres de uma forma socialmente aceitável – pode funcionar tanto como comentário social quanto como resistência política (Zuckerberg, 2018, p. 142)¹⁴.

Essa tentativa por parte dos *redpillers* de aproximar a nossa cultura da cultura Clássica, utilizando autores como Ovídio para darem credibilidade ao seu discurso antifeminista foi criticada pela estudiosa (2018), no capítulo 4, “How to Save Western Civilization”. Segundo Zuckerberg, os homens da *Red Pill* que escrevem sobre a Antiguidade buscam fazer com que seus leitores acreditem que existe uma linha reta de lá até hoje, utilizando a literatura greco-latina para justificar o direito dos homens aos corpos femininos e o poder político sobre eles. Propõem, assim, por exemplo, que o problema da falsa alegação de estupro poderia ser resolvido restringindo, através da legislação, os direitos das mulheres sobre sexualidade e reprodução, dando aos seus parentes homens controle sobre esses aspectos, assim como ocorria na Grécia e Roma antiga. Desse modo, seria irrelevante o fato de uma mulher afirmar que não consentiu uma relação sexual, por exemplo. Ademais, Zuckerberg conclui seu livro tratando do fato de que os membros da *Red Pill* se apropriam de textos e da história da Grécia e Roma Antiga para reforçarem seus pensamentos mais abomináveis. A título de exemplo, podemos citar a ideia de que a sociedade como um todo se beneficiaria se os homens tivessem a responsabilidade de tomar todas as decisões pelas mulheres, particularmente sobre suas escolhas sexuais e reprodutivas (Zuckerberg, 2018, p. 185). Ela complementa: “A ideia dos

¹⁴ “Ovid’s casual references to sexual assault seem far more sinister and less ironic when one realizes that similar ideas are widespread in the seduction community today. And Ovid shows that, for certain men, the most seductive idea of all is that mastering the art of love – that is, learning how to violate women’s boundaries in a socially acceptable manner – can function both as social commentary and as political resistance”.

Estudos Clássicos feminista, vibrante, radical e interseccional – que usa o mundo antigo para enriquecer conversas sobre raça, gênero e justiça social – é um anátema para eles” (Zuckerberg, 2018, p. 188)¹⁵. Por fim, conclui a estudiosa que, para ela, as próximas gerações de leitores têm direito a um discurso melhor sobre a Antiguidade: “[...] um que seja livre de elitismo e que não admire acriticamente nem despreze precipitadamente” (Zuckerberg, 2018, p. 189)¹⁶.

A relevância do trabalho de Zuckerberg se mostra pela sua reverberação, por exemplo, no livro da já citada pesquisadora Helen Morales. Nele a estudiosa aborda, de forma geral, os preconceitos que mulheres e outras minorias ainda enfrentam atualmente, comparando histórias reais com os mitos gregos e romanos. Além disso, Morales nos chama a refletir sobre como temos olhado para os mitos, nos questionando: estamos apoiando o que vem acontecendo, utilizando a mitologia clássica como suporte, por exemplo, de racismo e machismo ou estamos procurando subverter a ordem? Dessa forma, a estudiosa cita o trabalho de Zuckerberg, para tratar sobre a questão da apropriação de ideias da Antiguidade por grupos da *Red Pill*. O trecho é o seguinte:

Comunidades “red pill” online – uma variedade de homens anônimos e raivosos que se veem como vítimas de mulheres e pessoas não brancas – se apropriam de escritores e de ideias da Antiguidade Clássica para dar a suas ideias misóginas e racistas uma validação intelectual, como mostra Donna Zuckerberg em seu livro *Not All Dead White Men* [Nem Todos os Homens Brancos Mortos]. Menos extrema, mas talvez mais perniciosa, é a ideia de que a Antiguidade Clássica, especialmente Atenas, foi excepcionalmente avançada e culta, e a fundação da civilização ocidental, uma frase que está se tornando rapidamente um código da superioridade branca, euro-americana, quer a usemos com essa intenção, quer não (Morales, 2021, p. 119).

Ainda no que diz respeito sobre a ideia de que uma certa imagem da Antiguidade pode estar sendo privilegiada (em detrimentos de outras, menos elitistas, por exemplo), podemos lembrar como o sociólogo Pierre Bourdieu entende que este tipo de postura reflete uma “estilização da vida”. Em *Gostos de Classe e Estilos de Vida* (1983), Bordieu afirma:

[...] Na medida em que cresce a distância objetiva com relação à necessidade, o estilo de vida se torna, sempre, cada vez mais o produto de uma “estilização da vida”, decisão sistemática que orienta e organiza as práticas mais diversas, escolha de um vinho e de um queijo ou decoração de uma casa de campo [...] (Bourdieu, 1983, p. 6-7).

¹⁵ “The idea of a vibrant, radical, intersectional feminist Classics – one that uses the ancient world to enrich conversations about race, gender, and social justice – is anathema to them”.

¹⁶ “[...] one that is free of elitism and neither uncritically admiring nor rashly dismissive”.

Assim, analogamente à escolha de um vinho, a preferência por um “estilo de vida” que tem como diretriz um ideal de Antiguidade centrado no homem de elite, num sistema de servidão e outros aspectos do mundo antigo que têm sido destacados pelos grupos de viés conservador caracteriza-se também como uma decisão sistemática, com fins ideológicos. Como bem analisado pelos professores Renato de Jesus e Anni de Jesus, em conferência proferida em 2019,¹⁷ Bourdieu nos mostra que as diferenças de gostos entre as classes sociais contribuem para a perpetuação das desigualdades ao impor um discurso hegemônico. De forma semelhante à Bourdieu, a professora Mariana Valente (2023, p. 10), ao comentar em seu livro *Misoginia na internet* sobre a conceituação do termo misoginia, nos explica que esta pode ser uma característica de sistemas sociais em que a submissão de mulheres encontra respaldo através da cultura, por exemplo. Dessa forma, assim como Bourdieu (1983) trata da questão da construção de uma cultura elitizada, Valente (2023) aborda com uma determinada ideologia pode influenciar uma sociedade. Assim, a proposição de um ideal de Antiguidade, considerada como civilização superior, por grupos da *Red Pill* acaba se tornando uma “estilização da vida”, fazendo com que ideias misóginas e sexistas sejam propagadas em nossa cultura e sejam consideradas como verdades absolutas.

Cabe lembrar ainda das afirmações de Dan El Padilha Peralta, professor associado de Estudos Clássicos na Universidade de Princeton, em seu artigo “Epistemicide: The Roman Case”, publicado em 2020. Ainda que não trate diretamente da questão da apropriação da Antiguidade por grupos específicos, o estudioso questiona se o desejo de preservar a Antiguidade Clássica é realmente uma coisa boa. Em sua visão, tal pergunta se coloca diante do fato de que no processo de colonização há o exacerbamento de uma determinada cultura e a destruição de outras – processo que, segundo Peralta, não ocorreu de forma diferente com o imperialismo romano, responsável por exterminar determinados grupos étnicos. O estudioso ainda critica a forma como bibliotecas e museus têm tratado a história, pois, em suas palavras:

[...] O lado mais sombrio do papel das bibliotecas e dos museus na acumulação e armazenamento de conhecimento não é apenas o desenraizamento desses conhecimentos dos ambientes em que foram previamente incubados, mas a legitimação da impressão de que o que está nesses armazéns merece ser conhecido. Só por esta razão, bibliotecas e museus antigos e modernos têm sido (e, salvo intervenções reparadoras e emancipatórias, continuarão a ser)

¹⁷ Agradecemos aos professores por compartilharem conosco o texto da conferência proferida, que ainda está sendo preparado para publicação.

profundamente implicado nos processos de epistemicídio imperial (Peralta, 2020, p. 157)¹⁸.

A discussão de Peralta mostra como existem trabalhos que questionam a validade intrínseca do que entendemos por Antiguidade Clássica, propondo que a história seja contada com mais ética, através, inclusive, da aliança com a epistemologia. Por fim, lembramos ainda o que nos diz Alceu Faria Lima, em seu livro *Uma estranha língua? questões de linguagem e de método* (1995). Ao abordar o ensino de língua latina, o estudioso nos adverte que os estudos linguístico-literários precisam de uma reflexão sobre a humanidade, para que não se convertam em conservadorismo (Lima, 1995, p. 9).

Conforme apresentamos acima, classicistas, como Zuckerberg, Morales e DuBois, demonstraram preocupação em relação à apropriação da cultura clássica pelos conservadores dos Estados Unidos. Tal realidade, contudo, não parece se dar em nosso país. Ao procurarmos bibliografia sobre este tema, percebemos que, até o momento não estão sendo realizados estudos nessa área no Brasil. Assim, julgamos necessário realizarmos uma pesquisa nesse sentido para entendermos como esse fenômeno tem se operado também em nosso contexto, especificamente no que diz respeito à Antiguidade clássica e aos estudos a ela voltados.

O tema, embora ainda não seja alvo de pesquisas de nossa área, como acima mencionado, é considerado relevante, por exemplo, para o Governo Federal. O Ministério das Mulheres já demonstrou preocupação em relação à violência online contra as mulheres e criou, em 2023, um programa chamado “Brasil Sem Misoginia”, que tem como objetivo enfrentar todas as formas de violência e de discriminação contra as mulheres¹⁹. Segundo o programa, a misoginia está sendo perpetuada por pessoas que acreditam na superioridade masculina e por canais que alcançam aproximadamente oito milhões de seguidores, pagos por anúncios nas plataformas do *YouTube* e do *Tiktok*.

Importante mencionar também que, em dezembro de 2024, foi publicado relatório do Observatório da Indústria da Desinformação e Violência de Gênero nas Plataformas Digitais, realizado pelo Ministério das Mulheres em parceria com o NetLab (Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que apresentou

¹⁸ “[...] The darker side of the role of libraries and museums in the amassing and warehousing of knowledge is not only the deracination of these knowledges from the environments in which they had previously been incubated, but the legitimation of the impression that only what is in those warehouses deserves to be known. For this reason alone, ancient and modern libraries and museums have been (and, barring reparative and emancipatory interventions, will continue to be) thoroughly implicated in the processes of imperial epistemicide”.

¹⁹ Disponível em: <<https://www.gov.br/mulheres/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas-1/brasil-sem-misoginia-1>>. Acesso em: 19 de abr. 2024.

um panorama de discursos misóginos nas redes sociais, mais especificamente no *YouTube* (Santini *et al.*, 2024). Dessa forma, ao realizarem o mapeamento temático da “machosfera” na rede social acima mencionada, os estudiosos identificaram 76.289 vídeos publicados por 7.812 canais. Além disso, foi possível perceber que os vídeos somam 4,1 bilhões de visualizações e 23 milhões de comentários e que 52% do *corpus* é constituído de vídeos publicados entre janeiro de 2023 e abril de 2024 (Santini *et al.*, 2024, p. 21), mostrando que, atualmente, houve um aumento da disseminação de discursos misóginos na referida plataforma.

Trazendo dados mais aprofundados sobre o tema, o relatório mostrou ainda que, dos 137 canais que postaram vídeos com teor misógino somam 152.426 de inscritos, em média (Santini *et al.*, 2024, p. 40), restando nítido o alcance que esse tipo de conteúdo está tendo atualmente. Ademais, a pesquisa mostrou que 78% dos 137 canais analisados são administrados por homens e que 52% deixam claro que seu público-alvo são os homens (Santini *et al.*, 2024, p. 42). Em relação à monetização, o estudo identificou que 8 canais com conteúdo misógino, que realizaram transmissões ao vivo, arrecadaram mais de R\$ 68 mil reais (Santini *et al.*, 2024, p. 55), demonstrando, dessa forma, que a publicação desse tipo de conteúdo gera uma alta rentabilidade, que dificilmente é barrada por violar as políticas do YouTube.

Outro dado relevante revelado pela pesquisa foi que em 5 canais (3,5%), as produtoras de conteúdo são mulheres (Santini *et al.*, 2024, p. 42). Conforme explicam os estudiosos, “apesar de serem minoria, esses canais ajudam a legitimar os discursos misóginos disseminados, já que supostamente contam com a aprovação ou perspectivas de uma mulher” (Santini *et al.*, 2024, p. 42).

Ainda sobre essa questão da legitimação de discursos misóginos pelas mulheres, torna-se necessário abordar a questão do movimento das “tradwives”, ou “esposas tradicionais” em português, que buscam um modo de vida definido como tradicional. Segundo a newsletter da Editora Âyiné, escrita por Morgane Tual, é difícil dimensionar o alcance do movimento, pois são raras as influenciadoras antifeministas que ultrapassam um milhão de seguidores. Contudo, conforme continua explicando Tual, no começo de 2024, a hashtag #tradwife ultrapassou 309 milhões de visualizações na rede social *TikTok*.

Em relação ao movimento das “tradwives” consideramos interessante reforçar que, a partir dos ensinamentos de Simone de Beauvoir em seu livro *O Segundo Sexo: A Experiência Vivida* (1967), traduzido por Sérgio Milliet, a defesa do discurso misógino pelas mulheres não pode ser considerada como uma escolha verdadeiramente livre, uma vez que suas atitudes são consequência de uma sociedade patriarcal, que tenta impor o que se é esperado de sexo feminino e colocá-la em posição de inferioridade.

Assim, diante da necessidade de termos pesquisas realizadas em nosso país nesse campo e, pensando na interpretação que vem sendo dada a ideias da Antiguidade por membros da *Red Pill*, esta dissertação busca responder a seguinte pergunta: “como a literatura greco-latina vem sendo usada para embasar a discussão de diferentes temas relacionados às questões de gênero, sobretudo no ambiente de perfis antifeministas?”. Portanto, nosso objetivo é observar o modo como uma determinada imagem da Antiguidade está presente em discursos relacionados às questões de gênero na atualidade, sobretudo no Brasil.

A seguir, depois dessa introdução sobre o tema, apresentamos nosso *corpus* e a metodologia por nós utilizada. Na sequência, analisamos os quatro vídeos selecionados, a partir de dois eixos, quais sejam, o da representação da mulher e o do conhecimento científico como ferramenta de opressão da mulher. Por fim, trazemos as considerações finais de nosso estudo, buscando contribuir para as discussões sobre gênero no âmbito dos Estudos Clássicos.

2 SOBRE NOSSO *CORPUS*

2.1 ESCOPO E MÉTODO DE SELEÇÃO

A fim de buscarmos compreender e avaliar de que modo são registradas referências à literatura greco-latina (ou, por vezes, à Antiguidade de forma mais geral) na discussão de temas diversos relacionados às questões de gênero, utilizamos o método qualitativo, através da análise de quatro vídeos de um canal da plataforma *YouTube*. Escolhemos esta rede social, porque, além de alcançar muitos usuários, ela possibilita a postagem de vídeos mais longos, tornando possível que uma análise mais aprofundada sobre o tema seja feita.

Começamos a pesquisa procurando por um canal que se enquadrasse no nosso escopo, ou seja, canais em que se realizassem discussões sobre questões de gênero, baseando-se em ideias presentes (ou alegadamente presentes) na literatura greco-latina. Dessa forma, inicialmente pesquisamos, usando o mecanismo de busca do *YouTube*, termos que pudessem remeter à Antiguidade, considerando um imaginário mais corrente sobre o período: por exemplo, “Lisístrata” (famosa personagem da comédia de Aristófanes), “estoico”, “estoicismo”, “*Meditações* de Marco Aurélio”, “Sêneca”.²⁰

Os resultados encontrados foram diversos, desde canais com professores ensinando sobre literatura, história e filosofia, até aqueles canais que são o nosso foco, ou seja, canais de criadores de conteúdo conservadores, que estão se apropriando da cultura clássica para disseminar suas ideias e que, de certa forma, ocultam (em maior ou menor medida) uma postura machista e misógina. Dentre os resultados, selecionamos um canal que nos interessou também pela visibilidade que o seu conteúdo está tendo. Abaixo listamos os vídeos selecionados para nossa análise.

Vale mencionar ainda nossa metodologia para transcrição desses vídeos. Procuramos transcrevê-los, registrando a forma como o *youtuber* falou *ipsis litteris*, utilizando a linguagem coloquial, sem tentar evitar as repetições e desvios de pensamento comuns num discurso oral. Ademais, as palavras em letras maiúsculas foram usadas para descrever as imagens passadas durante o vídeo ou para simbolizar as impressões da pesquisadora, representando, então, algo externo aos vídeos, ou seja, palavras que não foram ditas pelo produtor de conteúdo. As

²⁰ Uma rápida passagem por livrarias atualmente nos mostra como há uma miríade de livros voltados para o tema do Estoicismo. Sobre as inúmeras publicações relacionadas a tal corrente filosófica, cf. por exemplo, a reportagem da *Revista Galileu* de 20 de abril de 2024 (<https://revistagalileu.globo.com/sociedade/comportamento/noticia/2024/04/estoicismo-por-que-ha-tantos-livros-sobre-essa-escola-filosofica.ghml> Acesso em 08/10/2024).

transcrições de todos os vídeos selecionados para análise em nosso projeto são apresentadas nos anexos 1 a 4.

2.2 O CANAL E SEU CRIADOR

O canal que selecionamos é denominado como *Pl@tinho*²¹. Parte da motivação da escolha por esse canal é a visibilidade de seu conteúdo, pois, até a presente data, ele possui 103 mil inscritos e 7.512.686 visualizações²². O produtor dos vídeos é R0drig0 Ferr@ri, homem branco, aparentemente cisgênero, bacharel em filosofia e mestre em sociologia. Ao descrever seu canal, Ferr@ri o define como um “canal de temas variados”. Alguns de seus vídeos, no entanto, estampam, como discutiremos, uma postura misógina, que, por vezes, parte de concepções embasadas na literatura greco-latina, para reforçar discursos e ideias relacionadas a um ideal de mulher específico: o sexo frágil e submisso ao homem. Outro dado que nos chama atenção (e que reforça a caracterização do perfil de Ferr@ri) é o fato de o *youtuber* se posicionar como alguém que critica o modo como as feministas estão olhando para a Antiguidade. Nesse sentido, parece-nos bastante relevante sua ligação com conhecidos nomes do conservadorismo brasileiro. Em seu *Instagram*, é possível encontrar postagens em que Ferr@ri aparece ao lado de pessoas como An@ C@r0l1ne C@mp@gn010. (deputada estadual de Santa Catarina, filiada, atualmente, ao PL), Lu1z Fel1pe P0ndé (filósofo, escritor e professor universitário) e, ainda, Brun0 @1ub (*influencer* conhecido como M0n@rk).

Em uma entrevista para o podcast “À Deriv@”, de @rthur Petry²³, Ferr@ri comentou o fato de ser associado ao machismo radical. Em sua visão, ele acha estranha essa associação, pois, conforme explica, estudou em escola progressista e todas as meninas que conhecia eram feministas. Então, o entrevistador pergunta o motivo dessa associação ter acontecido e o *youtuber* comenta que isso deve ao fato de a revista *Veja*²⁴ ter estampado sua foto em uma matéria de duas páginas sobre machistas radicais. Ferr@ri afirma que, na ocasião, subestimou o impacto de seu trabalho, pois imaginava que era só um “idiota qualquer” (*sic*), mas que era a única pessoa civilizada que estava falando coisas que ninguém falava. Questionado sobre o que seriam essas coisas, R0drigo cita como exemplo seu vídeo sobre o livro “*Feminismo: perversão*

²¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/@Pl@tinho>>. Acesso em: 25 de jun. 2023.

²² Segundo Castellano e Miguel (2023), Pl@tinho é considerado um dos principais canais de grupos masculinistas.

²³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8NxqaZ4vEbA>>. Acesso em: 19 de fev. de 2025.

²⁴ Publicada pela editora Abril. Edição 2678 – ano 53 – nº 12, de 18 de março de 2020.

e subversão”, da atual deputada An@ C@r011ne C@mp@gn010, “humanizando” (em suas palavras) a escritora, que não era aceita pelas feministas. Segundo o *youtuber*, essa questão se dava pelo fato de que no prefácio do livro, C@mpagn010 fazia afirmações como “eu queria ser casta” e “eu queria casar virgem”, que supostamente acabaram deturpando a imagem da jovem, quando, na verdade, ela também apoiava o direito de mulheres não apanharem do marido e de votarem. O produtor acredita, então, que foi por comentar o livro e apoiar a escritora que seu vídeo acabou viralizando e até mesmo sendo conhecido pela própria C@mp@gn010, que chamou Ferr@ri para um evento e fez a divulgação de seu trabalho nas redes sociais dela.

Ainda sobre a matéria da revista *Veja*, intitulada como “Machistas radicais começam a ganhar espaço no YouTube: antes cultivados em fóruns obscuros da internet, ideais misóginos aparecem agora no Brasil em canais veiculados pela plataforma de vídeos”, Ferr@ri se defende explicando que não veio dos espaços masculinistas, mas, sim, dos espaços feministas, que, segundo ele, o expulsaram, pois, em suas palavras, “não tem espaço para crítica interna, muito menos de homem”. Ressalta, ainda que a revista o colocou como machista radical, porém, a todo momento ele é “cancelado” por seus “misogininhos” – termo que utiliza para se referir aos seus seguidores.

Retomando as falas de Ferr@ri, podemos perceber que parte do que ele acredita não ser um pensamento machista, na verdade, reforça tal posição. Segundo o *youtuber*, o fato de ter contato com feministas faz com que ele não possa ser considerado um machista. Além disso, afirmar que era a única pessoa “civilizada” que estava criticando o movimento feminista reforça a ideia de que o *youtuber* se considera um erudito. Por fim, sobre o fato de ele afirmar que o movimento feminista o expulsou e que não aceita críticas, principalmente, vindas de homem, pode ser um motivo que o fez se posicionar como alguém que critica o modo como as feministas estão olhando para a Antiguidade.

Listamos abaixo uma amostra de títulos de vídeos que acreditamos retratar o perfil do canal segundo nosso ponto de vista:

1. “Caixa de P@ndora: Hesíodo Feminist0?”²⁵;
2. “Mulheres não @mam? – Sócrates Feminist@ no Fedro de Platão”²⁶;
3. “O que é Red Pill de verdade? M@trix e Platão”²⁷;

²⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3U6bITsQe-g>>. Acesso em: 27 de jun. 2023.

²⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YrzpDIZUUDQ>>. Acesso em: 27 de jun. 2023.

²⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=06XF4D-MJv4>>. Acesso em: 27 de jun. 2023.

4. “Estoicismo e vitimismo: Conselhos da Filosofia Antiga (Seneca, Carta 13)”²⁸;
5. “Estoicismo mil grau | Máximas Estoicas (Seneca, Carta 81)”²⁹;
6. “Virtudes morais: O Estoicismo de Sêneca”³⁰;
7. “Estoicismo: O Manual de Epicteto | Encheiridion”³¹;
8. “Mestres do Estoicismo: Marco Aurélio | Conselhos da Filosofia Clássica | Máximas Estoicas”³²;
9. “Mestres do estoicismo – Conselhos Estoicos para Jovens Nobres - | Carta 14 e Carta 15”³³ e
10. “Conselhos de Vidua: A Suprema coragem do Instinto de Morte | Amor Fati / apateia”³⁴

De imediato, achamos importante mencionar que Ferreri procura passar uma ideia de erudição, tanto trazendo elementos para o seu cenário, como livros, quanto buscando sempre mostrar as fontes que o ajudam a construir seu pensamento. Além disso, ainda no que diz respeito à imagem que o *youtuber* tenta construir, vale dizer que ele recorrentemente utiliza como *thumbnail* de seus vídeos imagens de estátuas que se assemelham ao imaginário comum das estátuas de deuses e guerreiros greco-romanos. Dessa forma, pensando em como a Antiguidade tem sido um assunto que tem chamado a atenção de determinados grupos conservadores de nossa sociedade (o que pode ser comprovado pela abrangência do canal em

²⁸ Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=IBW0EatC9b0&list=PLKLY1CWAeKR8egSouMc7CYtCnRpJ70FfG&index=5>>. Acesso em: 27 de jun. 2023.

²⁹ Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=1c65J6pEX84&list=PLKLY1CWAeKR8egSouMc7CYtCnRpJ70FfG&index=6>>. Acesso em: 27 de jun. 2023.

³⁰ Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=uDxE_YsfLZE&list=PLKLY1CWAeKR8egSouMc7CYtCnRpJ70FfG&index=9>. Acesso em: 27 de jun. 2023.

³¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O-aIR184Il4&list=PLKLY1CWAeKR8egSouMc7CYtCnRpJ70FfG&index=10>>. Acesso em: 27 de jun. 2023.

³² Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=C58_zNktrcc&list=PLKLY1CWAeKR8egSouMc7CYtCnRpJ70FfG&index=13>. Acesso em: 27 de jun. 2023.

³³ Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=qxZfQupJ52w&list=PLKLY1CWAeKR8egSouMc7CYtCnRpJ70FfG&index=14>>. Acesso em: 27 de jun. 2023.

³⁴ Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=2rs0g1IR3_s&list=PLKLY1CWAeKR8egSouMc7CYtCnRpJ70FfG&index=17>. Acesso em: 27 de jun. 2023.

análise), a utilização de imagens relacionadas à Antiguidade pode indicar uma tentativa de atrair pessoas que estão realizando pesquisas sobre esse conteúdo na rede social analisada.

2.3 SELEÇÃO DOS VÍDEOS

Após a seleção do canal, nosso objetivo foi buscar entender de que modo o *youtuber* utilizou elementos da cultura e da literatura greco-latina para embasar discursos ligados às questões de gênero. Para isso, dividimos os vídeos selecionados em dois eixos, quais sejam: a representação da mulher e o conhecimento científico como ferramenta de opressão da mulher.

O motivo para escolha do nosso primeiro eixo – a representação da mulher – leva em conta o fato de que Ferr@ri aborda um ideal de mulher, utilizando, para isso, a cultura clássica. Assim, selecionamos o vídeo: “Silenciament0? | *Mulheres e Poder: Um Manifesto*”³⁵, uma vez que nele o *youtuber* reverbera, mencionando o episódio da *Odisseia* em que Penélope é silenciada pelo seu filho Telêmaco, o discurso de que as ações das mulheres devem ser mais voltadas para a vida privada, e o vídeo: “Édip0 Rei, Oresteia e Submissão Feminin@ na tragédia grega”³⁶, em que o *youtuber* fala sobre a importância da submissão feminina para o bem do relacionamento, a partir da história de insubmissão de Antígona.

Já o motivo para escolha do nosso segundo eixo – o conhecimento científico como ferramenta de opressão da mulher – leva em conta o fato que o produtor de conteúdo se utiliza de pensamentos de filósofos, como Peter Sloterdijk (Carlsruhe, 26 de junho de 1947) e Edgar Morin (Paris, 08 de junho de 1921), e de estudiosas, como Camille Paglia (Nova Iorque, 02 de abril de 1947), para embasar suas discussões que reforçam ideias misóginas nas redes sociais. Dessa forma, selecionamos dois vídeos. O primeiro dele é “A Fúri@ de Aquiles!”³⁷, em que Ferr@ri usa o poema épico *Iliada* para tratar da batalha do apetite (sexual) do homem contra o orgulho, argumentando que o consumismo contemporâneo tem feito com que os homens larguem seu orgulho em nome do prazer. O segundo vídeo tem como título “N@tureza feminin@? | Edgar Morin e Camille Paglia”³⁸, em que o *youtuber* traz trechos do livro *Personas Sexuais: Arte e Decadência de Nefertite a Emily Dickinson* e do livro *O Paradigma Perdido*:

³⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=PuogpRs2DsU>>. Acesso em: 25 de jul. 2023.

³⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PWFaZwLc1WI>>. Acesso em: 25 de jun. 2023.

³⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QRbSOisxYS4&list=PLKLY1CWAeKR8B2sJVNI6QemRr71UXcOp&index=7>>. Acesso em: 30 de mar. 2024.

³⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XaC47w4das4>>. Acesso em: 03 de set. 2024.

a natureza humana, de Edgar Morin, para fundamentar que o homem é o lado apolíneo, racional, e a mulher é o lado dionisíaco, emocional.

3 ANÁLISE DOS VÍDEOS

3.1 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER

3.1.1 Análise do Vídeo: “Silenciament0? | *Mulheres e Poder: Um Manifesto*”, do canal Pl@tinho

O vídeo “Silenciament0? | *Mulheres e Poder: Um Manifesto*” possui duração de onze minutos e cinquenta segundos e nele Ferr@ri faz uma discussão sobre o livro de Mary Beard³⁹ (professora de Estudos Clássicos, na Universidade de Cambridge), mencionado no título do vídeo. Em sua análise, o *youtuber* cita trechos, mas também parafraseia ideias ali presentes. Seu objetivo é discutir como a imagem da mulher na Grécia Antiga é parecida com o que vemos, hoje em dia, na mídia. Enquanto o ponto de vista de Ferr@ri é exposto, em geral, ouvimos apenas sua voz, enquanto uma miscelânea de imagens, retiradas de filmes e outras mídias, é exibida. Em sua maioria, as imagens mostram mulheres vestidas de cor de rosa, em poses emotivas, reforçando visualmente um estereótipo de feminilidade. Por vezes, as imagens remetem a personalidades citadas – é o caso das imagens de Hillary Clinton e Margareth Thatcher, por exemplo.

Em sua exposição, Ferr@ri seleciona pontos da discussão apresentada por Mary Beard, cuja linha argumentativa ele alega adotar. O primeiro deles é a questão da voz feminina no espaço público. Desse modo, a primeira referência à literatura grega que aparece no vídeo é um trecho da *Odisseia*, de Homero. Como explica Ferr@ri, Beard afirma que temos nele o primeiro caso de silenciamento de uma mulher já documentado. Como vemos na passagem do poema homérico, Telêmaco, se dirige a sua mãe, Penélope. Sua resposta envolve o pedido da mãe que solicitara que fosse interrompida a música que estava sendo executada, já que essa a fazia se lembrar de Odisseu. A fala de Telêmaco é centrada na censura à mãe, que, na opinião dele, deveria se recolher ao espaço adequado às mulheres: o quarto, o labor na roca e no tear. O trecho é o seguinte:

“Mãe, por que causa proíbes que o nobre cantor nos deleite
com o que à mente lhe vem? Não têm culpa, por certo, os cantores,
sim tem-na Zeus, é o culpado, que os dons distribui entre os homens laboriosos
por modo variável, tal como lhe agrada.
Não o censures por ter-nos cantado as desgraças dos Dânaos,
pois entre o povo recebem mais altos louvores os cantos
que para o ouvinte mais novos lhe soam, de fatos recentes.

³⁹ Adotamos aqui a tradução de Jennifer Koppe, publicada pela editora Crítica (BEARD, 2023).

Ânimo forte te cumpre ora ter para ouvi-lo sem mágoa.
 Não foi somente Odisseu quem privado se viu do retorno,
 mas também outros heróis pereceram nos plainos de Troia.
**Para o teu quarto recolhe-te e cuida dos próprios labores,
 roca e tear, e às criadas solícitas ordens transmite
 para que tudo executem, que aos homens importa a palavra,
 mormente a mim, a quem cumpre assumir o comando da casa.**” (Homero, *Odisseia*, I, 346-359; grifos nossos)⁴⁰.

Segundo Beard (2023, p. 16), esta discussão entre Penélope e seu filho exemplifica como as mulheres não eram ouvidas em âmbito público na Grécia Antiga. A estudiosa ainda acrescenta: “[...]. Mais que isso, na visão de Homero, parte do amadurecimento, no caso do homem, é aprender a assumir o controle do pronunciamento público e silenciar a fêmea da espécie [...]” (Beard, 2023, p. 16). Assim como Mary Beard, Ferr@ri ressalta que, quando Telêmaco diz “que aos homens importa a palavra” (Homero, *Odisseia*, I, 358), o termo usado em grego é *muthos*. Em suas palavras, ao comentar a discussão da historiadora inglesa, o *youtuber* define *muthos* assim: “é o discurso público abalizado, em oposição à tagarelice das mulheres” (Pl@tinho, 2019b, 02min21s). É importante esclarecer aqui que Ferr@ri apresenta uma afirmação ligeiramente diferente de Beard. A historiadora afirma que “no grego homérico, *muthos* define o discurso público abalizado, não o tipo de conversa, tagarelice ou fofoca a que qualquer pessoa – inclusive as mulheres, ou em especial as mulheres – poderia se dedicar” (Beard, 2023, p. 18). Como vemos, Beard faz questão de ressaltar que qualquer um pode ser tagarela, não somente as mulheres, como colocado por Ferr@ri.

Ainda quanto a este tema, o *youtuber* prossegue, acompanhando a argumentação de Beard, citando a peça *Assembleia das Mulheres* de Aristófanes. Como sabemos, o enredo dessa comédia envolve um grupo de mulheres que decide convencer os homens a lhes dar o controle da cidade de Atenas. Para Beard (2023, p. 21), “parte da graça era que as mulheres não sabiam falar adequadamente em público – ou melhor, eram incapazes de adaptar a linguagem pessoal [...] ao sublime idioma da política masculina”. Para Ferr@ri, no entanto, a inadequação do enredo gira em torno do fato de que “[...] as leis que elas fazem nessa peça [...] envolvem coisas como a abolição do casamento, o fim da propriedade privada e outras ideias até hoje associadas aos movimentos femininos [...]” (Pl@tinho, 2019b, 03min).

Essa tensão sobre o pertencimento ou não das mulheres ao espaço público, seja em Atenas do século V, seja nos dias de hoje, é o foco de Beard em outro exemplo ainda. Trata-se das situações em que as mulheres assumiriam a “língua dos homens”. Para Beard, na

⁴⁰ As traduções da *Odisseia* aqui citadas são de Carlos Alberto Nunes (Homero, 2015).

Antiguidade, esse é o caso de Clitemnestra, esposa de Agamemnon. Como explica a estudiosa, a personagem é referida nos textos em termos masculinos. Ao tratar deste tópico, o *youtuber* afirma que para que as mulheres consigam ter esse “jeito masculino”, elas precisam excluir de suas falas determinados conteúdos, como questões de sexo, que seriam do âmbito privado.

Nas palavras do *youtuber*:

[...] Um caso famoso é a esposa de Agamemnon, Clitemnestra, que, quando começa a planejar a morte do marido, para tomar o trono com o seu amante, é referida nos textos em termos masculinos, até na própria linguagem, e hoje a gente vê isso em mulheres como, Angela Merkel, Margaret Thatcher, Hillary Clinton, Teresa Mei etc. **Mulheres que falam na língua da política, a língua pública, a língua dos homens, ao invés de falar de maneira privada e pessoal, focada na própria perspectiva, em questões femininas, especialmente as relacionadas ao sexo, que são as características que os antigos atribuíam a essa fala das mulheres [...]** (Pl@tinho, 2019b, 04min09s; grifos nossos).

Contudo, essa associação extrapola o pensamento de Beard, pois, ao afirmar que as mulheres “eram incapazes de adaptar sua linguagem pessoal (que, no caso era amplamente ligada a sexo) ao sublime idioma da política masculina” (Beard, 2023, p. 21), a pesquisadora abordava o enredo da mencionada peça teatral para alegar que, mesmo quando não há o silenciamento das mulheres – como no caso de Io, que foi transformada em uma vaca pelo deus Júpiter, passando, somente, a mugir – o preço que elas pagam para serem ouvidas é muito alto (Beard, 2023, p. 20).

Beard, ainda sobre essa questão de as mulheres terem que assumir um “jeito masculino” para que sejam ouvidas em âmbito público, argumenta que “não temos modelo para a aparência de uma mulher poderosa, a não ser que ela se pareça bastante com um homem” (Beard, 2023, p.63). Dessa forma, para que as mulheres consigam esse “status masculino” precisam, na visão de Beard, por exemplo, usar terninhos ou calças compridas e engrossar o timbre da voz, além de não demonstrar fraqueza, que é algo associado ao gênero feminino. Assim, Beard, cita como exemplo Angela Merkel e Hillary Clinton, mulheres que adotaram essa postura masculinizada para conseguirem ser ouvidas em âmbito público.

Ao tratar do que considera um segundo caso no qual as mulheres têm legitimidade para falar no espaço público, Ferr@ri acrescenta o caso em que a mulher fala para denunciar uma injustiça que uma minoria está sofrendo. Segundo ele:

[...] E o outro caso é ainda mais marcante para nós, porque é a voz da denúncia, a voz que declara sofrimento de uma injustiça, mas ela é sempre a injustiça

contra elas mesmas ou contra uma classe, contra uma minoria, nunca contra o todo. Existem relatos de mulheres cristãs denunciando a injustiça que sofreram antes de serem jogadas aos leões. Relatos de mães e esposas falando do sofrimento dos maridos e filhos... isso não falta. **É que, neste campo, a mulher tem sim legitimidade e o privado é o seu reino [...]** (Pl@tinho, 2019b, 04min49s; grifos nossos).

Ocorre que, em sua obra, Beard, na verdade, trata de situações em que o discurso público feminino, na Grécia Antiga, poderia acontecer. Seriam elas: “para prefaciando a própria morte” (Beard, 2023, p. 23) e para que pudessem “defender seu lar, seus filhos, seu marido ou os interesses de outras mulheres” (Beard, 2023, p. 25). A estudiosa ainda acrescenta, argumentando que “[...] as mulheres podem, em circunstâncias extremas, defender publicamente os próprios interesses setoriais, mas não podem falar pelos homens nem pela comunidade como um todo [...]” (Beard, 2023, p. 25). Parece-nos, então, que possivelmente Ferr@ri, ao afirmar que as mulheres têm legitimidade para denunciar injustiças sofridas por elas mesmas ou por uma minoria, pois o “privado é o seu reino”, está, de forma alusiva, distorcendo agendas de defesa de grupos minoritários, tratando-as como “coisas de mulher” ou limitando a validade do discurso feminino quando trata desses assuntos (que, além de tudo, extrapolam o ambiente doméstico, no qual, teoricamente a mulher teria autoridade).

Ainda sobre a questão da legitimidade da voz feminina para denunciar uma injustiça sofrida por uma minoria, Ferr@ri, partindo da discussão feita por Beard, argumenta que as mulheres estão caindo no que ele chama de “denúncia da injustiça particular”. Em suas palavras:

[...] Então, o que elas estão fazendo é, precisamente, encarnar a tradição, repetir o passado. Os antigos preconceitos continuam funcionando, por novos meios. Como isso acontece? Adorno e Horkheimer, na *Dialética do Esclarecimento*, dizem que o passado se prolonga pela destruição do passado e que isso acontece, porque o esforço de esclarecer, para entender melhor as coisas, que vai destruindo os preconceitos e tradições irracionais, uma hora acaba destruindo algum que era importante para o próprio processo de esclarecimento. Algum preconceito útil ou até necessário, pelo menos para ele. Um bom exemplo prático de hoje, que é meu e não deles, é como a Pitty, num programa do “Morning Show”, usou a palavra ‘machismo’ para designar o que a Cláudia Leite sofreu quando ela foi a um programa do Silvio Santos, em que ela estava com uma roupinha rosa e ele foi vulgar com ela. **Antigamente, um homem não faria aquilo com uma mulher, porque era, basicamente, tabu falar livremente sobre essas coisas com as mulheres desconhecidas em público. Você não trazia assuntos sexuais e não falava dessas coisas... o seu avô, seu bisavô, sabiam disso. Mas, agora, esses preconceitos de não fazer essas coisas com as mulheres foram destruídos, então, é preciso chamar esses caras de machistas, para designar, justamente, o novo comportamento problemático que surge da destruição**

dos tabus antigos. O progresso se converte em regresso para sobreviver [...] (Pl@tinho, 2019b, 06min11s; grifos nossos).

Neste trecho, podemos notar que Ferr@ri defende que, o que hoje em dia é considerado um assédio, ou seja, um crime, é percebido dessa forma apenas porque houve “a destruição dos tabus antigos”. Dessa forma, o *youtuber* parece transferir a responsabilidade da agressão para uma percepção cultural. Assim, para o *youtuber*, a questão não é a inadequação de quem assedia, mas que “falar de sexo” (que é o modo como ele denomina o crime de assédio) não é mais tabu; por isso, na opinião dele, “é preciso chamar esses caras de machistas” (Pl@tinho, 2019b, 07min29s), uma nomenclatura para “designar, justamente, o novo comportamento problemático” (Pl@tinho, 2019b, 07min32s). Desse modo, a diferença para Ferr@ri parece ser apenas da ordem do discurso, ou seja, não há consequência prática, mas um efeito meramente discursivo. Portanto, as mulheres agora têm um novo vocabulário para tratar de seus problemas “particulares”, não universais.

Outro trecho do vídeo que julgamos ser importante mencionar é a fala de Ferr@ri sobre a imagem que as feministas passam. O *youtuber* trata desse aspecto ao comentar um trecho do livro de Beard em que a estudiosa trata do modo como são representadas na Antiguidade as mulheres que alcançam lugares de poder. Como exemplo, ela cita Medeia, Clitemnestra e Antígona. Como aponta Beard (2023, p. 66), o que hoje tomamos como paradigma de mulheres inesquecíveis, era, na Antiguidade, a representação de uma “desordem” nos cosmos social, de modo que essas mulheres não eram associadas ao poder, mas à destruição. Nesse contexto, Beard afirma: “de fato são as inquestionáveis trapalhadas feitas pelas mulheres com o poder no mito grego que justificam a exclusão delas, desse âmbito, na vida real e justificam o papel do homem” (Beard, 2023, p. 66-67). Ferr@ri toma essa afirmação – claramente relacionada ao contexto grego – como “essencial” para a “percepção de como que o machismo se manifesta através do feminismo”. A explicação dele para tal fato é a seguinte:

[...] Se a gente vive na determinada cultura, que é a mesma que a cultura dos gregos, quando a imagem pública da mulher vai se formar, qualquer que seja o processo que determina a consolidação duma imagem que consegue efetivamente representar as coisas para todo mundo, neste processo, o feminismo ele é filtrado... ele se transforma na visão da cultura ocidental, da mulher. Então, o que a gente vê as feministas fazendo lá... e esse é o problema: o que a gente vê as feministas lá fazendo é essa imagem caricatural, horrível, que é impossível pedir para os homens defenderem. Só que aí a defesa disso é feita de uma forma meio que: não, nem todo mundo é assim... não é bem assim. Não adianta, entendeu? Não adianta que você não seja assim. O ponto é que, se a imagem que representa o feminismo for a imagem das trapalhadas femininas, que é exatamente o que aconteceu... cara, não tem

o que fazer... isso é... isso está aqui no mito grego... é por essência aquilo que faz os homens se levantarem [...] (Pl@tinho, 2019b, 09min06s; grifos nossos).

Como vemos, Ferr@ri assume que “a gente vive na determinada cultura, que é a mesma que a cultura dos gregos” e, por isso, toma a afirmação de Beard sobre as “trapalhadas feitas pelas mulheres com o poder” como uma imagem do que, na opinião dele, o feminismo faz atualmente. Ainda exploraremos com mais profundidade a presença dessa ideia de que nossa sociedade é um decalque das sociedades greco-romanas nos discursos misóginos. Mas em nosso primeiro contato com a bibliografia sobre o assunto, já foi possível perceber como esse ponto é crucial, inclusive para a reflexão crítica sobre o assunto. A respeito desse movimento conservador que tenta fazer com que a nossa cultura se aproxime à da Grécia Antiga, DuBois afirma:

[...] O estudo histórico não precisa, e provavelmente não deveria, implicar exortações abertas e conscientes a um retorno ao passado, especialmente a uma cultura escravista, militarista, imperialista, muitas vezes xenófoba, patriarcal, como a da antiga Atenas, tanto quanto podemos aprender com seu estudo (DuBois, 2001, p. 40)⁴¹.

Ao final de seu estudo, a estudiosa (2001) faz uma crítica a essa postura de conservadores, já que, para DuBois, o que precisamos é afastar a idealização de tais culturas, colocando nosso foco naquilo em que elas nos ensinam a respeito do diferente:

[...] Que, no estudo inesgotável da antiguidade grega, recusemos a expurgação do mito grego, a heterossexualização dos antigos atenienses, a celebração ou denúncia da democracia antiga, e que leiamos Safo e Heródoto, bem como Platão, e que recuperemos traços desconhecidos do passado antigo, como o deleite grego pela obscenidade, o cultivo de múltiplas diferenças sexuais, um mundo cheio de deuses e as intensidades políticas da democracia radical (DuBois, 2001, p. 137)⁴².

Também Beard (2023, p. 31), diferentemente do que parece entender Ferr@ri, nos esclarece que “a cultura ocidental não deve tudo aos gregos e romanos, nem em relação à fala

⁴¹ “[...] Historical study need not, probably ought not to, imply overt and conscious exhortations to return to the past, especially to a slave-owning, militarist, imperialist, often xenophobic, patriarchal culture like that of ancient Athens, much as we can learn from its study”.

⁴² “[...] Let us, in the inexhaustible study of Greek antiquity, refuse the bowdlerizing of Greek myth, the heterossexualization of the ancient Athenians, the celebration or denunciation of ancient democracy, and read Sappho and Herodotus as well as Plato, recover unfamiliar traces of the ancient past such as a Greek delight in obscenity, the cultivation of multiple sexual differences, a world full of gods, and the political intensities of radical democracy”.

nem a qualquer outra coisa (graças aos céus por isso, pois nenhum de nós gostaria de viver num mundo greco-romano)”. Assim, apesar de o *youtuber* afirmar que embasa seu pensamento nas ideias de Beard, em nenhum momento do livro, a estudiosa defende que a nossa cultura é igual a cultura grega, apenas mostra que a relação das mulheres com o poder tem raiz na Antiguidade, nos chamando a refletir sobre a questão.

Para finalizar o vídeo, Ferr@ri traz dados que Beard apresenta em seu livro sobre a proporção de mulheres nas assembleias legislativas, mostrando que, por exemplo, em Ruanda, mais de 60% dos membros são mulheres. Sobre este número elevado, Beard questiona: “mas eu me pergunto se, em alguns lugares, a presença de um grande número de mulheres no Parlamento significa que lá seja o lugar onde o poder *não está*” (Beard, 2023, p. 91-92). Já para o *youtuber*, o alto percentual é consequência da extrema representatividade que as mulheres ganharam. “Para fazer o quê?” (Pl@tinho, 2019b, 11min17s), Ferr@ri indaga. E complementa: “para reforçar a imagem que a cultura ocidental já tinha sobre elas e não para desafiar essa imagem... jamais para desafiar essa imagem!” (Pl@tinho, 2019b, 11min18s). Ao afirmar que as mulheres ganharam representatividade para continuar reforçando uma determinada imagem que a cultura ocidental já tinha sobre elas, Ferr@ri parece sugerir que as conquistas alcançadas pelas mulheres, como o direito ao divórcio, devem ser menosprezadas, reforçando a ideia de que é o mundo deve ser governado por homens, visto que as mulheres já tiveram sua chance e falharam.

Podemos perceber, então, que Ferr@ri se apropria não só de ideias da Antiguidade, mas também de interpretações e leituras, inclusive de estudiosos abalizados, como Mary Beard, para formatar um discurso, no mínimo, antifeminista. Apesar de o *youtuber* apresentar uma suposta leitura de Beard para embasar seu pensamento, como tentamos mostrar, parece-nos que sua leitura vai em sentido contrário à dela. Seu discurso, contudo, parece querer convencer sua audiência de que a estudiosa tem ideias semelhantes às suas, por meio de recortes de passagens do livro em questão. Dessa forma, quem não fez a leitura do livro de Beard (e podemos imaginar que, infelizmente, grande parte do público se enquadra nesse caso por inúmeros motivos), fica refém da exposição de Ferr@ri e pode acreditar que todo o exposto faz parte do pensamento de uma classicista de renome.

A nosso ver, Ferr@ri, então, faz uma apropriação das ideias de Beard sob um viés machista, sob uma máscara de erudição. Em seus vídeos, não é incomum a menção a autores antigos. Isso podemos notar observando, por exemplo, os seguintes títulos: “Virtudes Morais: O Estoicismo de Sêneca” e “Mulheres não Amam? – Sócrates Feminista no *Fedro* de Platão”. O que concluímos, nesse caso, é que o *youtuber* procura reforçar a ideia de que seus argumentos

têm lastro no pensamento antigo (e que este é o único modo de pensar da Antiguidade), à maneira da mencionada “estilização de vida” proposta por Bordieu (1983, p. 6-7).

3.1.2 Análise do Vídeo: “Édipo Rei, Oresteia e Submissão Feminin@ na tragédia grega”, do canal Pl@tinho

O vídeo “Édipo Rei, *Oresteia* e Submissão Feminin@ na tragédia grega”, postado em 30 de janeiro de 2020, possui dez minutos e quarenta e um segundos de duração e nele o produtor de conteúdo R0drigo Ferr@ri discute submissão feminina, conforme já mencionado. Dessa forma, Ferr@ri começa fazendo uma contextualização explicando, como sabemos, que a peça *Antígona* é a última da trilogia que começa com *Édipo Rei* e que é seguida por *Édipo em Colono*. Além disso, o *youtuber* faz um resumo das histórias para situar seu público. Ele explica que, após a morte de Édipo, Etéocles e Polinices – seus dois filhos homens – guerrearam para disputar o trono. Ambos, no entanto, também acabaram morrendo, deixando o poder nas mãos de Creonte, irmão de Jocasta. O rei, como sabemos, proclamou, então, um edito proibitório, impedindo o funeral e o enterro de Polinices, motivado pelo fato de que este tinha se aliado a cidades inimigas para atacar Tebas. Vejamos as palavras de Creonte em *Antígona*:

“[...] Ora, para que desde hoje elas se cumpram,
eis o que disponho sobre os filhos de Édipo:
**a Etéocles que, defendendo a cidade,
tombou, ordenei lhe dessem digno túmulo
e em sua honra fosse consagrado todo
o ritual devido aos nobres sob a terra.
Quanto a seu irmão, a Polinices digo,
que voltou do exílio para a ferro e a fogo
destruir o pátrio solo e os Numes pátrios,
e matar a sede infame em sangue irmão,
e fazer de cada cidadão escravo,
a esse não permito que a cidade honre,
nem com sepultura, nem com cantos fúnebres.
Insepulto fique e seja pasto de aves
e de cães, hediondo quadro a quem o vir.**
Eis como eu entendo: nunca em minha estima
hão de ter direito igual os maus e os justos.
Ao contrário, aquele que ama esta cidade,
esse, vivo ou morto, eu saberei honrar” (Sófocles, *Antígona*, v. 192-211; grifos
nossos)⁴³

⁴³ Adotamos a tradução de Vieira e Almeida (Vieira; Almeida, 1997, p. 54).

Inconformada com a decisão do soberano, Antígona, filha de Édipo e irmã de Etéocles e Polínicos, decide que irá descumprir a ordem, pois, conforme esclarece o produtor de conteúdo, o enterro apropriado é sagrado na cultura grega. Sua irmã, Ismene, aconselha Antígona a não competir com os homens, uma vez que elas são mulheres. Antígona, relutante, disse que estava agradando aos deuses, que importa mais do que aos vivos (Sófocles, *Antígona*, v. 89). Nas palavras de Morales:

Antígona, uma menina de treze, ou catorze, ou quinze anos, enfrenta um adulto poderoso mesmo quando sua irmã não a acompanha e os cidadãos de Tebas têm medo de apoiá-la. Antígona desafia também a autoridade masculina diante da persistência de Creonte em afirmar que as mulheres são inferiores aos homens, e que os homens devem dominar as mulheres. Ela é vulnerável, intimidada, mas mesmo assim infringe a lei (Morales, 2021, p. 10).

Feita essa introdução, Ferr@ri começa a discussão sobre a importância da submissão feminina. Assim, alega que os homens estariam se submetendo a algo maior do que eles também, pois, apesar de mandarem, a tradição e a religião não os deixam livres de forma alguma, sendo, dessa forma, uma autoridade limitada. O *youtuber* diz:

[...] No fim das contas, a autoridade masculina não se justifica, a menos que seja para essas coisas que todo mundo sabe que são certas. Mesmo que seja o caso de ninguém interferir, porque o cara tem autoridade, não vai ser considerado legítimo se o cara tiver mandando na mulher fazer coisa que vai contra a tradição. Isso é completamente descabido. **Ela obedece, porque é a tradição. Ele manda, porque é a tradição. Qualquer coisa que vai contra a tradição, dentro desse esquema, não tem lugar** (Pl@tinho, 2020a, 04min22s; grifos nossos).

Apesar de o produtor de conteúdo utilizar o termo “tradição”, atribuindo a essa ideia o poder de determinar quem deve agir como, ele não o define ou explica. Para Lola Aronovich, professora da UFC e autora do blog *Escreva, Lola, Escreva*, “tradição é o escudo por trás do qual os conservadores se escondem pra jurar que “é assim que as coisas são e sempre serão”. (Aronovich, 2011). Gerda Lerner, historiadora e autora do livro *A criação do patriarcado*, afirma, ainda, que para rompermos com a tradição oferecida, devemos “dar historicidade ao sistema de dominância masculina e afirmar que suas funções e manifestações mudam ao longo do tempo” (Lerner, 2019, p. 86).

Ainda sobre essa questão da “tradição”, Ferr@ri diz que “[...] a tradição é que a mãe que ensina as coisas para o filho [...]” (Pl@tinho, 2020a, 05min31s). Contudo, a filósofa Elisabeth

Badinter, em seu livro *Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno*, explora como as sociedades dos séculos XVII e XVIII criavam seus filhos, afirmando que:

Lá pelos oito, dez anos, o costume mandava que a criança fosse novamente afastada de casa, a fim de aperfeiçoar sua educação. Antes do século XVII, ela fazia seu aprendizado na casa de vizinhos. As famílias, trocavam reciprocamente seus filhos, para servirem como criados ou aprendizes. Prática surpreendente, se consideramos que a criança vai aprender fora de casa, o que seus próprios pais lhe teriam podido ensinar. Mas esse uso mostra que é mais fácil ser bom patrão do que bom pai. Como se, ao intervirem os laços de sangue, as relações se tornassem mais difíceis... (Badinter, 1985, p. 130-131).

Desse modo, como vemos, afirmar que “é tradição a mãe ensinar as coisas para o filho” não é algo preciso, pois a relação das crianças com os pais mudou durante os séculos, conforme discutido por Badinter. Além disso, de acordo com Lerner:

[...] O fato de mulheres terem filhos ocorre em razão do sexo; o fato de mulheres cuidarem dos filhos ocorre em razão do gênero, uma construção social. **É o gênero que vem sendo o principal responsável por determinar o lugar das mulheres na sociedade** (Lerner, 2019, p. 60; grifos nossos).

Assim, como podemos perceber, o que o produtor de conteúdo chama de “tradição” é o que Badinter (1985) e Lerner (2019) argumentam ser fruto de uma construção social, relacionada às ideias de gênero em determinadas sociedades, não fazendo sentido falar que é algo natural, presente em todas as civilizações do mesmo modo.

Tratando da questão da limitação da autoridade, Ferr@ri continua explicando que os homens não podem ter autoridade sobre as mulheres durante as relações sexuais. Em suas palavras:

[...] **é para a mulher obedecer o marido, mas não em qualquer coisa.** E aí que eu acho que entra o grande problema da história toda que é a parte que... cara, não dá para separar quão suja é a mente dos homens hoje... as ideias e os fetiches... com essa questão das mulheres terem medo do que os homens vão mandar ela fazer na cama... **não é para ter autoridade nisso.** Esse esquema da autoridade, do homem na cama, cara... entenda que ele faz sentido pleno quando aquele sexo que ele está fazendo com ela, em potencial, é ele tendo que trabalhar mais e prestigiando mais a mulher, **porque ela deu mais um herdeiro**, sabe? É... sem essa promessa do sexo como a mulher dar alguma coisa pro cara, o herdeiro... sem os limites do que se faz no sexo... não vai transar porque tá grávida... não é para transar toda hora, por qualquer razão, entendeu? Você tira todos esses limites, realmente não faz o menor sentido... **não é para a mulher obedecer o marido assim** [...] (Pl@tinho, 2020a, 05min42s; grifos nossos).

Desse modo, o produtor de conteúdo associa, de forma implícita, a mulher à função reprodutiva, ao afirmar que o esquema de autoridade só faz sentido pleno, em sua visão, quando o homem prestigia mais a mulher, porque ela deu-lhe mais um herdeiro (Pl@tinho, 2020a). Assim, podemos observar que o *youtuber* trata as mulheres como seres passivos, feitas para servir e reproduzir, sendo totalmente submissas aos seus parceiros. No entanto, como esclarece Badinter, a ideia de amor materno – que tem em seu cerne a associação entre a mulher e a função reprodutiva – não é algo essencial às mulheres (Badinter, 1985, p. 16). A estudiosa refuta, portanto, essa ideia generalizante a que Ferr@ri recorre ao tratar das mulheres.

Um último ponto sobre o qual o produtor de conteúdo discorre e sobre o qual gostaríamos de comentar é o amor dos pais pelas filhas. Segundo Ferr@ri, tal amor seria o que Nietzsche chama de “guerra dos instintos”, ou seja, os pais, por instinto, querem ter a autoridade final sobre suas filhas, não deixando que elas sejam submissas aos seus maridos (Pl@tinho, 2020a). Dessa forma, percebemos que, para o *youtuber*, a mulher deve sempre estar subordinada a uma autoridade masculina, seja essa autoridade seu pai, seja seu marido. Na visão de Aronovich, em seu prefácio ao livro de Lerner: “o patriarcado mantém e sustenta a dominação masculina, baseando-se em instituições como a família, as religiões, a escola e as leis. São ideologias que nos ensinam que as mulheres são naturalmente inferiores [...]” (Aronovich, 2019, p. 25). Portanto, como vemos, a questão da autoridade masculina ser algo que faz parte dos instintos, é refutada por Aronovich, que argumenta no sentido de ser algo ideológico, ou seja, algo construído socialmente, de acordo com os valores de cada cultura, para sustentar a tese de que as mulheres são inferiores aos homens e conseguir fazer com que elas continuem sendo submissas à uma autoridade masculina.

3.2 O CONHECIMENTO CIENTÍFICO COMO FERRAMENTA DE OPRESSÃO DA MULHER

3.2.1 Análise do Vídeo: “A Fúri@ de Aquiles”, do canal Pl@tinho

O terceiro vídeo selecionado para o presente estudo é denominado “A Fúri@ de Aquiles”, do canal Pl@tinho. Postado em 30 de abril de 2019, o vídeo possui quinze minutos e trinta e três segundos de duração e nele o produtor de conteúdo propõe uma discussão sobre a fúria de Aquiles, conforme indica o título do vídeo, através das reflexões trazidas por Peter Sloterdijk, filósofo germânico, em seu livro *Rage and Time*, publicado em 2010 e traduzido para o inglês por Mario Wenning. Dessa forma, antes de iniciar propriamente as explicações,

passa um recorte de Ferr@ri dizendo que a fúria é um sentimento que move o mundo e que a marca do grande guerreiro é a sua capacidade de suportar uma afronta.

Para começar a discussão, o *youtuber* elucida que a primeira palavra do poema *Iliada*, de Homero, é “fúria”, em grego, *mênis*. Ele explica ainda que, por conta da rima, a tradução, (ele não menciona explicitamente quem é o tradutor, mas mostra a imagem do livro traduzido por Haroldo de Campos, em 2003), precisou utilizar palavra diversa, mas que o “sentido da frase original é ‘cante, ó deusa, a fúria de Aquiles’” (Pl@tinho, 2019a, 00min58s), que em grego, segundo Ferr@ri, seria: “*menin aeide thea Peleiadeo Achileos*”. O jovem questiona o motivo de Aquiles estar bravo, fazendo com que o poema já se iniciasse ressaltando isso, e, em seguida, faz um resumo do enredo da *Iliada* para situar seu público.

Para contextualizar, apresentamos aqui tal enredo, com base, sobretudo, nas informações de Grimal (1993). Como sabemos, Aquiles era filho de Peleu e da deusa Tétis. Convidado, Aquiles aceita participar da expedição para invadir a cidade de Tróia, mesmo sendo avisado por sua mãe de que se fosse, gozaria de grande fama, mas sua vida seria curta. Ao partir, Tétis deu a ele uma armadura divina, cavalos e uma escrava. A função dessa escrava era, por meio de conselhos, não deixar Aquiles matar um dos filhos de Apolo. Tal aconselhamento tinha como objetivo alterar o destino previsto de Aquiles, uma vez que o oráculo asseverou que o guerreiro deveria morrer de forma violenta, caso viesse a matar um dos filhos de Apolo. Após a falha na primeira expedição, Aquiles, já na segunda expedição, acaba matando Tenes, um dos filhos de Apolo, pois estava tentando raptar sua irmã. Grimal, explicando o enredo da *Iliada*, elucida:

Durante nove anos, os Gregos permanecem diante de Tróia, antes que se iniciem os acontecimentos relatados pela *Iliada* [...] A *Iliada* refere uma série de operações de pirataria e de banditismo contra as ilhas e cidades da Ásia Menor, designadamente contra Tebas da Mísia, que foi tomada por Aquiles, e cujo rei, Eécion, o pai de Andrômaca, foi morto por ele, que matou igualmente os seus sete filhos. Raptou ainda a rainha. Insere-se aqui também a operação contra Lirnesso, na qual ele tomou para si Briseide, enquanto Agamémnon se apoderava de Criseide no ataque a Tebas (Grimal, 1993, p. 37).

Um dos eventos que Pl@tinho menciona é a peste, que começou a dizimar os gregos no décimo ano de guerra. Fora revelado, então, que “o flagelo se devia à cólera de Apolo, que o enviou a pedido do seu sacerdote, Crises, cuja filha Criseide fora raptada e entregue a Agamémnon” (Grimal, 1993, p. 37). Assim, Aquiles obriga Agamémnon a entregar Criseide. Contudo, Agamémnon ordena que Aquiles lhe entregue Briseide. Contrariado, Aquiles se nega a continuar lutando, até que seu grande amigo Pátroclo acaba sucumbindo pelas mãos de Heitor.

Aquiles fica muito furioso e em retaliação mata Heitor, mutilando seu cadáver, conforme explica Grimal:

Cada dia que passa, Aquiles arrasta à volta de Tróia o cadáver do inimigo que lhe arrebatou o seu amigo Pátroclo, que ele chora. Ao fim de doze dias, Tétis é encarregada por Zeus de informar Aquiles de que os deuses estão indignados com a sua falta de respeito para com os mortos. Príamo, vindo em embaixada reclamar-lhe o corpo de Heitor, é bem recebido por Aquiles, que lhe entrega o filho em troca dum forte resgate. E este o relato da *Iliada* (Grimal, 1993, p. 38).

Feita essa introdução elucidando o que gerou a fúria em Aquiles, Ferr@ri (Pl@tinho, 2019a), explica que a fúria, para a nossa cultura, é considerada ruim, ou seja, um sentimento que deve ser evitado. Segundo o jovem, de forma diferente, para a sociedade grega, a fúria é vista como uma força criadora, algo divino que encarna no herói, estando o sucesso nas batalhas atrelado à fúria. O produtor de conteúdo continua sua reflexão, argumentando que para os gregos antigos, as paixões tomam os seres humanos (Pl@tinho, 2019a). Nesse sentido, lembramos que Grimal (1993, p. 39) ao falar sobre a figura de Aquiles em si, se refere a ele como “escravo das paixões”. Em suas palavras:

[...] Aquiles foi considerado pelos filósofos helenistas, sobretudo pelos estoicos, como o tipo do homem violento, **escravo das paixões**, e opunha-se-lhe com agrado Ulisses, o sábio por excelência. Conhece-se também o culto votado por Alexandre a Aquiles, a quem ele tomava por modelo. Ambos morreram jovens (Grimal, 1993, p. 39; grifos nossos).

Ainda sobre essa questão da fúria, o *youtuber* explica que, conforme mencionado por Sloterdijk (2010), já na época de Platão começa-se a afastar a fúria da cultura grega, uma vez que ela não se enquadra no modo de vida civilizado (Pl@tinho, 2019a), restando somente a denominada “fúria justa”, que ainda é permitida quando uma injustiça é sofrida. Ferr@ri explica que esse fenômeno é chamado de “domesticação da fúria” e argumenta, sem apresentar seus embasamentos, que sociedades que não aprenderam a domesticar a fúria foram prejudicadas por sociedades que conseguiram obter tal domínio.

Na sequência, buscando fazer uma relação entre a domesticação da fúria e a imposição da libido, Ferr@ri passa a tratar de outro assunto, também trazido no livro de Sloterdijk (2010), qual seja, o erotismo. Na visão do produtor de conteúdo, atualmente, para a nossa sociedade, não ceder as imposições da libido é inaceitável, o que pode ser o motivo, em sua visão, de ter ocorrido o que ele denomina de “*rebranding* do celibatário” (Pl@tinho, 2019a). Os incels, ou

celibatários involuntários, termo já mencionado anteriormente, representam uma subcultura menor, segundo Santini *et al.*, 2024, p.38-39, sendo um grupo que acredita ser vítima de preconceito relacionado à atratividade física, alimentando, dessa forma, sentimentos de raiva. Assim, com esse “*rebranding*”, aqueles que alegadamente não desejam ter relações sexuais, passariam a ser denominados como assexuais, pois “[...] não é que ele decidiu não transar, é que ele nem tem vontade, entendeu? Porque rola uma coisa assim, que se você tem vontade e não faz, ou você é um fracassado ou você é um doente mental” (Pl@tinho, 2019a, 08min27s). Podemos perceber, com essa fala de Ferr@ri, que o patriarcado tenta impor não só um ideal de feminilidade, como também um ideal de masculinidade. Assim, aquele homem que decide não ter relações sexuais, é visto como um perdedor, sendo melhor, dessa forma, ser denominado como assexual, para que não sofra nenhum tipo de discriminação.

Em outro trecho, o *youtuber* menciona ainda o grupo denominado “Men Going Their Own Way” (“Homens Seguindo seu Próprio Caminho”), elucidando que esse fenômeno “também é uma batalha do apetite contra o orgulho” (Pl@tinho, 2019a, 13min23s). Esses mencionados grupos da *Red Pill* têm como objetivo viver de forma independente das mulheres. A comunidade “Men Going Their Own Way”, por exemplo, propõe, inclusive, que o casamento deve ser evitado, conforme explica Zuckerberg (2018, p. 193). Além disso, a comunidade dos “incels”, abreviação de “involuntarily celibate” (“celibatários involuntários”), conforme explica Zuckerberg (2018, p. 179), é um grupo que, devido aos fracassos sexuais, destilam ódio contra as mulheres.

Continuando o vídeo, Ferr@ri, como podemos perceber, tenta aproximar nossa cultura com a dos gregos antigos ao propor uma comparação envolvendo situações cotidianas hodiernas: “[...] pensa num herói grego tendo que passar o dia trancado no trânsito, depois escutando merda do chefe, que é um terço do tamanho dele, depois volta pra casa e escuta merda da mulher [...]” (Pl@tinho, 2019a, 10min42s). Sobre essa tentativa de aproximação das culturas, o que podemos perceber é que grupos conservadores, que propõem a utilização do mundo antigo como modo de construção da masculinidade, acabam fazendo uma leitura rasa do que fora a sociedade grega (ou só mencionam a parte que interessa aos seus valores). Tais grupos pregam, por exemplo, a heterossexualidade como única forma de relacionamento na Antiguidade, quando, na verdade, como sabemos, na Grécia clássica ateniense, a pederastia, conforme explica DuBois (2001, p.87-88), era considerada uma prática aceita, uma vez que era um caminho que levava à vida filosófica, como já mencionado na introdução. É o que comenta Morales no seguinte trecho:

Na Grécia antiga, os casos de amor entre homens eram a norma. Homens da elite – temos poucas evidências de homens pobres e escravos – deviam se casar com mulheres e ter casos de amor com homens, bem como sexo com prostitutas e escravos de ambos os sexos. Relações românticas entre homens eram amplamente celebradas, desde que fossem entre um homem mais velho e um jovem [...] (Morales, 2021, p. 134).

Outra parte do vídeo que julgamos importante citar é a fala de Ferr@ri sobre o fato de que todos os problemas que as feministas têm com os homens estariam relacionados ao orgulho. De acordo com sua explicação:

[...] Transa-se muito menos hoje. As razões são meio complicadas, [...], mas o fato é que, se em última instância o lastro dos nossos sacrifícios do orgulho são... “ah, mas pelo menos a gente é sexualmente livre né?” e a gente não tá transando. É lógico que tá todo mundo puto, se matando de raiva. Então, pode parecer estranho que você pense: “não, mas, por que que tá todo mundo se matando de raiva? Porque é orgulho de mais, tá todo mundo super orgulhoso”. Não, é porque os orgulhos foram amassados e aí vem o retorno inevitável daquilo que foi amassado, daquilo que foi reprimido o máximo possível por todos os lados. Se você para de cismar em tentar interpretar tudo que as meninas feministas falam sobre o prisma de um movimento histórico, você percebe que **todos os problemas que elas têm com os homens tão relacionados a esse centro de orgulho**. Ela vai querer externalizar isso de uma forma que tem muito mais a ver com esses movimentos políticos e o cara que vai querer converter ela também vai fazê-lo, mas é perceptível que, na intimidade da pessoa, é uma questão de orgulho e é uma questão de **apetite versus orgulho**. Ela quer ficar com o cara machista, ela pode querer que o cara pague a conta, **ela pode querer que o cara faça todas as coisas que se faz por uma mulher submissa** e etc., mas ela, ela não... **mas o orgulho dela se revolta contra isso**. O... ser a dona de casa do cara machista, pra ela, é equivalente, naquela situação, do cara que não quer ir lá admirar a beleza dos cadáveres da batalha por orgulho, mas ele cede e vai, e ela não quer ceder [...] (Pl@tinho, 2019a, 11min53s; grifos nossos).

Como podemos observar na fala acima mencionada, Ferr@ri se utiliza de uma série de estereótipos para embasar suas explicações, buscando reforçar sua visão de relacionamento estritamente heterossexual. Além disso, ao afirmar que “ela pode querer que o cara faça todas as coisas que se faz por uma mulher submissa” (Pl@tinho, 2019a, 12min54s), o produtor de conteúdo se vale de um discurso conservador para expressar seus pensamentos machistas.

Um último ponto de que trata o *youtuber* e sobre o qual gostaríamos de comentar é a questão do apetite do homem em ser escravo de mulher. Em suas palavras:

[...] você não precisa falar que o **nosso apetite é escravo de mulher**. Parte-se desse pressuposto, entendeu? Então, há uma grande revolta do quanto que o cara tem que se humilhar pra ficar com a menina. Quanto que o apetite dele tá

exigindo que ele, que ele sacrifique o seu próprio *thumos* (Pl@tinho, 2019a, 13min35s; grifos nossos).

Neste trecho, podemos notar que o produtor de conteúdo utiliza argumento sem evidenciar quais seriam as fontes em que se baseia. Sua opinião é claramente guiada pelas ideias de que determinadas características são naturais, como se afirmações desse tipo não precisassem de fundamentação. Essa impressão de que os argumentos do *youtuber* são baseados na “realidade” pode contribuir para que suas ideias sejam tomadas pelo público sem um questionamento prévio, fazendo com que pensamentos misóginos sejam cada vez mais disseminados nas redes sociais.

3.2.2 Análise do Vídeo: “N@tureza feminin@? | Edgar Morin e Camille Paglia”, do canal Pl@tinho

O quarto e último vídeo é denominado como “N@tureza feminin@? | Edgar Morin e Camille Paglia”. Postado em 16 de setembro de 2020, possui duração de doze minutos e cinquenta e sete segundos e nele o *youtuber* traz uma reflexão, a partir de trechos do livro “*Personas Sexuais: Arte e Decadência de Nefertite a Emily Dickinson*”, de Camille Paglia, e do livro “*O Paradigma Perdido: a natureza humana*”, de Edgar Morin, sobre o homem pertencer ao lado apolíneo, racional, e a mulher pertencer ao lado dionisiaco, emocional.

Antes de iniciar sua fala, Ferr@ri passa uma cena do filme “Meninas Malvadas” em que uma das personagens diz: “eu não sei porque a Diana sai com esses garotos do colégio... eles são como cachorrinhos: a gente mima, alimenta e, quando eles perdem as estribeiras, pulam em cima da gente e ficam nos lambendo” (Pl@tinho, 2020b, 00min00s). Dessa forma, a nosso ver, o produtor de conteúdo já começa o vídeo trazendo uma imagem estereotipada das mulheres, uma vez que exhibe a cena de um filme que retrata o sexo feminino como delicado, manipulador e sentimental.

Feita essa introdução, o *youtuber* argumenta que a elaboração da cultura está ligada à evolução biológica. Em suas palavras:

[...] O ponto é ver como que a elaboração cultural tá totalmente ligada à evolução biológica. Não é só o homem que não pode ser reduzido à biologia, é a própria biologia que não pode ser reduzida ao biologismo. **Que a mulher é o gênero do mistério, porque as partes dela tão dentro dela, tão internas... nem ela pode ver, sendo que do menino, muito pelo contrário, não só não tá escondido, como tá projetada pra fora... a gente é o gênero que sai atrás das coisas**, então, esse tipo de coisa ela (CAMILLE PAGLIA)

costuma fazer bastante... **como que a nossa fisiologia simbolicamente tá bem de acordo com aquilo que a gente faz, com como a gente vive e a forma que a gente encara o mundo e que as pessoas encaram a gente** (Pl@tinho, 2020b, 00min22s; grifos nossos).

Essa questão das genitálias trazida pelo produtor de conteúdo se embasa na explicação da escritora e ex-professora na Universidade de Arte da Filadélfia, Camille Paglia. Em sua visão:

Se a fisiologia sexual fornece o modelo para nossa experiência do mundo, qual é a metáfora básica da mulher? **É o mistério, o oculto.** Karen Horney fala da impossibilidade de a menina ver o próprio órgão genital, e da capacidade de o menino de ver os seus, como a origem da ‘maior subjetividade da mulher, em comparação com a maior objetividade do homem’. Reformulando isso com minha ênfase diferente: **a ilusória certeza masculina de que a objetividade é possível baseia-se na visibilidade de seus órgãos genitais.** Segundo, essa certeza é um desvio defensivo da invisibilidade do útero, causadora de ansiedade. **As mulheres tendem a ser mais realistas e menos obsessivas por causa de sua tolerância com a ambiguidade, que aprendem com a incapacidade de aprender sobre os próprios corpos. As mulheres aceitam a limitação do conhecimento como sua condição natural, uma grande verdade humana que um homem talvez leve uma vida para alcançar** (Paglia, 1992, p. 32, grifos nossos).

Dessa forma, retomando os trechos que acabamos de citar, podemos perceber que tanto Paglia (1947) quanto Ferr@ri (2020b) acreditam que a fisiologia masculina e feminina determinam a forma como nossa sociedade se estrutura hoje. Se considerarmos que, conforme explica Aronovich, em seu prefácio à obra “*A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*” de Gerda Lerner (2019, p. 26), embora nas últimas décadas as mulheres tenham conquistado muitos direitos, ainda vivemos em um mundo patriarcal, temos então que a biologia dos seres humanos é que justifica ou fundamenta esse sistema patriarcal. Parece-nos, então, que ao afirmar que “a gente é o gênero que sai atrás das coisas”, o produtor de conteúdo está, na verdade, reforçando um papel social, que é construído por esse sistema patriarcal – o papel do homem como provedor. Da mesma forma, quando Paglia (1974, p. 32) afirma que “as mulheres aceitam a limitação do conhecimento como sua condição natural”, a estudiosa parece reforçar a ideia de uma inferioridade natural, relativa à biologia, que é atribuída às mulheres.

Continuando sua reflexão sobre natureza e cultura, o *youtuber* passa a tratar do prolongamento da infância. Ferr@ri argumenta, que, segundo o filósofo Edgar Morin (1973), o processo de hominização começou com o andar ereto, pois, a partir disso, houve o desenvolvimento da mão e, conseqüentemente, do cérebro. Afirma, ainda, que, para Morin

(1973), não é possível entender o desenvolvimento do cérebro sem que os desenvolvimentos de nossa cultura sejam atrelados a ele, ocorrendo, portanto, a invasão da cultura na biologia. Dessa forma, para que haja o aprendizado dessa cultura, tornou-se necessário o prolongamento de nossa infância, que não ocorre, por exemplo, com outros animais. O *youtuber* complementa esse raciocínio sobre biologia x cultura, então, chegando à seguinte conclusão:

Então, quem é o Apolo? O que que ele representa? Apolo é deus do sol, da razão, da ordem. Ele remete à lógica, à prudência e pureza. O Dionísio é o deus do vinho, da dança, da irracionalidade, do caos e ele remete às emoções e instintos. Vocês já devem tá... **vocês já devem perceber aí só pelas definições, como que o homem é o apolíneo e a mulher é o dionisíaco, como que a cultura é o apolíneo, o ocidente é apolíneo e a natureza é dionisiaca...** (Pl@tinho, 2020b, 10min13s; grifos nossos).

Como sabemos, a gestação de Dioniso, filho de Sêmele e Zeus, ocorreu, em parte, na coxa de seu pai. Essa “dupla gestação” justificaria a caracterização do deus, segundo Barroso e Farias (2014, p. 6-9), como um deus de gênero ambíguo, misterioso por não se enquadrar em um dos dois sexos estabelecidos. Além disso, Dioniso teria uma aparência feminina, marcada pelo fato de ele usar vestes de mulher – que, conforme elucida Grimal (1993, p. 121), foi necessário para enganar Hera, que tentava matar a criança, por ser fruto do adultério de seu marido – e cabelos compridos (apesar de o cabelo comprido ser sinônimo de virilidade, em algumas sociedades gregas). Devido a essa ambiguidade de gênero, Dioniso passou a ser associado ao feminino (Barroso e Farias, 2014, p. 6). Já Apolo, que também é filho de Zeus, é caracterizado, segundo Liebig, como o ser racional, que “representa também o equilíbrio, a moderação dos sentidos e, num certo sentido, a própria civilidade, ou melhor, o modo como esta é ordinariamente compreendida, a ordem” (Liebig, 2016, p. 20). Ainda sobre a caracterização de Apolo, Grimal elucida que “Apolo era representado como um deus muito belo, de elevada estatura, notável pelos seus longos cabelos negros, de reflexos azulados, como as pétalas da violeta. Também teve numerosos amores, com ninfas e com mortais” (Grimal, 1993, p. 33).

Desse modo, podemos observar o reflexo dessa associação entre o masculino e o apolíneo e o feminino e o dionisíaco numa representação da relação entre homens e mulheres, inclusive em seus papéis sociais, pois, de acordo com Barroso e Farias (2014, p. 6-7), “o homem, parte ativa é visto como atuante, intenso, vivo, enquanto a mulher é mostrada como parte passiva, o que passa ainda a ideia de sujeito que recebe a ação, que não atua, inerte e até mesmo apática”. Então, a lógica dessa associação explica por que as mulheres continuariam

sendo tratadas como seres passivos, sendo feitas para servir e serem totalmente submissas aos seus parceiros.

Assim, retornando à última fala do produtor de conteúdo que fora citada, em nossa visão, é evidente que Ferr@ri adota uma visão essencialista dos gêneros, principalmente ao afirmar que a “fisiologia simbolicamente tá bem de acordo com aquilo que a gente faz, com como a gente vive e a forma que a gente encara o mundo” (Pl@tinho, 2020b, 00min48s). Um último ponto sobre o qual gostaríamos de comentar é o fato de o youtuber, neste vídeo, tornar inaudível a palavra “feministas”. Como sabemos, esse recurso de omitir palavras em vídeos é utilizado por produtores de conteúdo para que evitar que seus vídeos sejam retirados do ar por violação de diretrizes da plataforma. É de se questionar se tal recurso parte do princípio de que a palavra “feminista” refere-se, então, a um xingamento ou algo ofensivo. Aronovich comenta essa questão de tornar a palavra “feminismo” um palavrão, argumentando:

Faz sentido que o sistema demonize quem luta contra ele. Talvez, quando derrubarmos o patriarcado, o feminismo não será mais necessário. Até lá, o patriarcado insistirá em fazer da palavra “feminismo” um palavrão. E as mulheres continuarão a pagar o preço das decisões tomadas quase que exclusivamente por homens em nossa sociedade (Aronovich, 2019, p. 27).

Portanto, conforme mencionado por Aronovich (2019), por conta desse sistema patriarcal, reforçado por Ferr@ri no presente vídeo analisado, as mulheres continuam sendo colocadas como inferiores intelectualmente e como seres não racionais.

4 CONCLUSÃO

Ao realizar a análise dos vídeos selecionados, percebemos que Ferr@ri se apropria de ideias relacionadas à Antiguidade, através de uma interpretação seja da literatura greco-latina seja da filosofia clássica e contemporânea, para reforçar ideias misóginas nas redes sociais. Dessa forma, em nossa perspectiva, o *youtuber* pode ser enquadrado sob o guarda-chuva descrito pelo termo *Red Pill*, uma vez que ele procura, em seus vídeos, além de inferiorizar as mulheres, passar a ideia de que os homens são superiores intelectualmente.

Podemos notar, ainda, que Ferr@ri procura transmitir uma imagem de alguém culto, que tem embasamento numa formação acadêmica – perfil nem sempre comum entre os conservadores, que, muitas vezes, adotam postura anti-intelectual. Assim, ainda que pareça distorcer os ensinamentos filosóficos a seu favor, o *youtuber* procura se apresentar claramente como um intelectual, citando filósofos como Adorno, Horkheimer, Sloterdijk e Morin e estudiosas, como Beard e Paglia.

Importante reforçarmos que, no caso de Mary Beard, o *youtuber* distorce o que a autora escreveu em seu livro como forma de persuadir seus seguidores. Assim, ao manipular o pensamento de Beard, Ferr@ri, em nossa visão, pode estar agindo de má-fé com o seu público, se utilizando de um nome renomado da área dos Estudos Clássicos para, na verdade, apenas disseminar suas próprias ideias misóginas.

Além disso, podemos notar que, ao gravar seus vídeos em um ambiente com muitos livros, Ferr@ri parece querer reforçar imagetivamente tal imagem de erudição. Nesse sentido, a presença de referências e análises alegadamente embasadas em reflexões sobre a Antiguidade Clássica pode ser vista como mais um elemento direcionado para a construção de uma imagem de saber específico, calcado num legado da tradição Ocidental. Em seus vídeos, não é incomum a menção a autores antigos, como por exemplo nos seguintes vídeos, já anteriormente mencionados: “Virtudes Mor@is: O Estoicismo de Sêneca” e “Mulheres não @mam? – Sócrates Feminist@ no *Fedro* de Platão”. Isso parece reforçar a ideia de que os argumentos do *youtuber* têm lastro no pensamento antigo (e que este é o único modo de pensar da Antiguidade).

Não podemos deixar de comentar também, ainda sobre essa questão da imagem que o produtor de conteúdo procura transmitir, sobre o fato de o canal ter o nome de Pl@tinho, ou seja, diminutivo do nome do filósofo Platão. Assim, em nossa visão, ao querer denominar o canal e, conseqüentemente, se denominar, dessa maneira, Ferr@ri procura mostrar que não é tão inteligente quanto Platão, mas que possui um grande conhecimento sobre o que fala, podendo ser considerado, sim, uma referência intelectual na área.

Mencionamos, ainda, que, para um estudo mais aprofundado sobre o tema, seria interessante analisar os comentários postados nos vídeos, procurando delimitar o perfil das pessoas que mais interagem, o que não fora possível na presente dissertação, por conta do tempo de duração do programa de mestrado, mas que pode ser uma sugestão de estudos neste campo. Além disso, uma possibilidade de análise também teria sido investigar a estratégia retórica utilizada pelo *youtuber* para persuadir seu público-alvo, uma vez que, como podemos observar ao longo desse trabalho, Ferr@ri tenta construir um *ethos* intelectual, através da apropriação da leitura de outros autores e da distorção de seus pensamentos, para disseminar conceitos misóginos.

Acreditamos, ademais, que foi positiva a escolha por analisar apenas um canal na presente dissertação, pois, apesar de não termos realizado uma comparação entre canais, como inicialmente pretendíamos, pudemos nos aprofundar na pesquisa e entender como grupos ligados à *Red Pill* estão utilizando a plataforma YouTube para, através de ideias relacionadas à Antiguidade, disseminar discursos misóginos.

Sobre essa ideia de que a nossa sociedade é um decalque das sociedades greco-romanas, que esses movimentos conservadores tentam impor, ressalta a estudiosa inglesa Mary Beard:

[...] não somos apenas vítimas ou joguetes da herança clássica, mas ela nos forneceu um poderoso gabarito para pensar a respeito do discurso público e decidir o que define como oratória boa ou ruim, persuasiva ou não, e a qual discurso deve ser dado espaço para ser ouvido. E o gênero é, sem sombra de dúvida, parte importante dessa mistura (Beard, 2023, p. 32).

Assim, é importante, como afirma Beard (2023, p. 31), esclarecer que a cultura greco-latina não deve ser espelho para a nossa, mas sim espaço de reflexão e proposição crítica.

REFERÊNCIAS

À DERIV@ PODCAST. “**R0drigo Ferr@ri (Pl@tinho) (037) PARTE 1 | À Deriv@ Podcast com @rthur Petry**”. *YouTube*. 26 de fevereiro de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8NxqaZ4vEbA>>. Acesso em: 19 de fev. de 2025.

ARONOVICH, Lola. **Dois em um**: violência contra a criança e masculinidade. Escreva Lola Escreva, 19 de nov. de 2011. Disponível em: <https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2011/11/duas-datas-em-uma-violencia-contra.html>. Acesso em: 11 de set. 2024.

ARONOVICH, Lola. **Prefácio**. In: LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado*: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado**: O Mito do Amor Materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARROSO, Rafael Chaves Vasconcelos; FARIAS, Francisco Ramos de. **GÊNERO E MEMÓRIA**: uma construção dionisíaca. Caderno Espaço Feminino – Uberlândia -MG - v. 27, n. 1 – Jan./ Jun. 2014 – ISSN online 1981-3082.

BEARD, Mary. **Mulheres e poder**: um manifesto. Tradução de Jennifer Koppe. 2. ed. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: A Experiência Vivida. 2 ed. - São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BOURDIEU, Pierre. **Gostos de classe e estilos de vida**. Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática, p. 1-41. 1983. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4955156>. Acesso em: 03 de jul. de 2024.

CASTELLANO, Mayka; MIGUEL, Vinícius Machado. “**O sofrimento amoroso do homem**”: misoginia e discurso de ódio na literatura masculinista de autoajuda. *RuMoRes*, [S. l.], v. 17, n. 34, p. 116-135, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/214389>. Acesso em: 21 jun. 2024.

DOS SANTOS, Frederico Rios C. **A Construção Histórico-Sociológica do Discurso Conservador e do Discurso Progressista**: da Grécia Antiga à Restauração. *Revista Humanidades e Inovação*, v. 8, n. 36, p. 387-397, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/2627>. Acesso em: 25 jul. 2024.

DuBOIS, Page. **Trojan Horses**: Saving the Classics from Conservatives. New York University Press, 2001.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da Mitologia grega e romana**. Tradução de Victor Jabouille. 2. ed. - Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1993.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução e prefácio de Carlos Alberto Nunes. 25ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LIEBIG, Sueli Meira. **Sobre a ficção feminina da diáspora negra**: uma escrita que oscila entre a ordem e o caos. *Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas*, Serra Talhada, 3 (1): 18-28, Jan./Dez. 2016.

LIMA, Alceu Dias. **Uma estranha língua?**: questões de linguagem e de método. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

LOPES, André. **Machistas Radicais**: Ideais misóginos antes cultivados principalmente em fóruns obscuros da internet começam a ganhar espaço no Brasil em canais veiculados pelo YouTube. *Revista Veja*, Editora Abril, edição 2678 - ano 53 - nº 12, p.76-78, 18 de março de 2020.

MORALES, Helen. **Presença de Antígona** [recurso eletrônico]: o poder subversivo dos mitos antigos. Tradução de Angela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2021.

MORIN, Edgar. **O Paradigma Perdido**: a natureza humana. Paris: Éditions du Seuil, 1973.

PAGLIA, Camille. **Personas Sexuais**: Arte e Decadência de Nefertite a Emily Dickinson. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PERALTA, Dan-el Padilha. **Epistemicide**: The Roman Case. *Clássica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, v. 33, n. 2, p. 151-186, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7694681>. Acesso em: 31 de mar. 2024.

PL@TINHO. “**A FÚRI@ DE AQUILES!**”. *YouTube*, 30 de abril de 2019a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QRbSOisxYS4&list=PLKLY1CWAeKR8B2sJVNHI6QemRr71UXcOp&index=7>. Acesso em: 30 de mar. 2024.

PL@TINHO. “**Édip0 Rei, Oresteia e Submissão Feminin@ na tragédia grega**”. *YouTube*, 30 de janeiro de 2020a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PWFaZwLc1WI>. Acesso em: 25 de jun. 2023.

PL@TINHO. “**N@tureza feminin@? | Edgar Morin e Camille Paglia**”. *YouTube*, 16 de setembro de 2020b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XaC47w4das4>. Acesso em: 03 de set. 2024.

PL@TINHO. “**Silenciament0? | Mulheres e Poder: Um Manifesto**”. *YouTube*, 04 de outubro de 2019b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=PuogpRs2DsU>. Acesso em: 25 de jul. 2023.

RABINOWITZ, Nancy Sorkin; RICHLIN, Amy. **Feminist theory and the classics**. Routledge, 1993.

SANTINI, R. Marie *et al.* “**Aprenda a evitar ‘esse tipo’ de mulher**”: estratégias discursivas e monetização da misoginia no YouTube. Rio de Janeiro: NetLab – Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Publicado em Dezembro de 2024.

SLOTERDIJK, Peter. **Rage and time**: a psychopolitical investigation. Tradução de Mario Wenning. Columbia University Press. 2010.

TUAL, Morgane. **As influenciadoras antifeministas que reabilitam o mito da «boa esposa»**. Editora Âyiné. 18 de out. de 2024.

VALENTE, Mariana. **Misoginia na internet**. São Paulo: Editora Fósforo, 2023.

VIEIRA, Trajano; ALMEIDA, Guilherme de. **Três tragédias gregas**. Tradução de Guilherme de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1997.

VILAÇA, Gracila; D’ANDRÉA, Carlos. **Da manosphere à machosfera**: Práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. Revista Eco-Pós, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703. Acesso em: 04 de abr. 2024.

ZUCKERBERG, Donna. **Not All Dead White Men**: Classics and Misogyny in the Digital Age. Cambridge: Harvard University Press, 2018.

ANEXO A - Transcrição do Vídeo: “Silenciament0? | *Mulheres e Poder: Um Manifesto*”, do canal Pl@tinho

COMEÇA COM CENA DE UM FILME. MULHER FALA: “AQUI VAI MINHA PROPOSTA PARA VOCÊ. VOCÊ VAI ME DAR SUA JAQUETA, SEU CAPACETE E SUA MOTO, E EM TROCA EU TE DOU SUA MÃO DE VOLTA”. O CARA ENTREGA A CHAVE DA MOTO. MULHER FALA: “UÉ, CADÊ O SORRISO?”. PASSA PARA OUTRA CENA, AGORA DE UMA MULHER MANDANDO UM BEIJO PARA UM RAPAZ. EM SEGUIDA, PASSA PARA OUTRA IMAGEM DE UMA MULHER CHORANDO E PARA OUTRAS IMAGENS VARIADAS DE MULHERES.

R0drig0 Ferr@ri: Nesse vídeo eu vou mostrar como era parecida a imagem da mulher na Grécia Antiga com o que acontece hoje na mídia. Eu sigo a apresentação de uma doutora em história clássica de Cambridge, Mary Beard, no livro “*Mulheres e Poder: Um Manifesto*”, link para a compra na descrição. O que ela faz nesse livro é estudar, principalmente, a questão da voz pública da mulher na Grécia Antiga. Ela encontra na *Odisseia* o primeiro caso de silenciamento machista já documentado. A primeira vez na história em que um homem mandou a mulher calar a boca e voltar ao seu lugar. A cena é a seguinte: Penélope e seu jovem filho, Telêmaco, têm uma discussão, em que ela pede para ele mudar a música, basicamente, porque os bardos estão cantando uma canção triste sobre as dificuldades do retorno da guerra de Troia, e ela, preocupada com o marido que tá justamente nessa aventura, não quer ouvir nada disso. E aí o Telêmaco, que ainda é só um molequinho, responde assim: “mãe, volte para os seus aposentos e retome seu próprio trabalho, o tear e a roca... discursos são coisas de homem, de todos os homens e meu, mais de qualquer outro, porque meu é o poder nessa casa”. E ela volta, ela acata a ordem dele. E esse é o momento, segundo a Mary Beard, em que o Telêmaco deixa de ser um menino e se torna um homem na história. É que, para ela, no Homero, é uma marca do amadurecimento do menino... o momento em que ele se prova capaz de silenciar as mulheres. Mas, o mais importante é que o termo em grego que aparece nessa história, quando o Telêmaco diz que discurso é coisa de homem, é “*muthos*”, que foi traduzido como discurso aqui, é a palavra que deu em mitologia, ... ela significa “o que se diz”. O ponto é que para eles, a mulher não fala o que se diz, ela fala de um lugar específico dela. Não é que ela não pode falar... é que a fala dela não tem peso, não tem eficiência pública. “*Muthos*” é o discurso público abalizado, em oposição à tagarelice das mulheres. Fica mais fácil entender essa questão com o que ela fala sobre a peça *Assembleia das mulheres*, do Aristófanes. O ponto é que na peça, as mulheres não sabem falar direito a língua de todos... elas falam tudo da perspectiva delas e elas tomam o

poder com uma artimanha. Num dia que era sagrado e os homens não podiam sair de casa, elas se vestiram de homens, botaram barbas falsas e foram à assembleia, que estava vazia, para levantar a questão e aí votar todas a favor de dar o poder pras mulheres. E as leis que elas fazem nessa peça, de literalmente 2.500 anos atrás, envolvem coisas como a abolição do casamento, o fim da propriedade privada e outras ideias até hoje associadas aos movimentos femininos. Uma das leis que as mulheres passam diz que sempre que um menino quiser se deitar com uma juvenzinha e mulheres feias e velhas estiverem por perto passando vontade, o jovem precisa antes satisfazer a todas as outras, até se deitar com a que ele deseja. Em outra peça, *Lisístrata*, as mulheres chegam a se unir, numa espécie de aliança internacional feminina em prol do pacifismo e do fim da guerra de Esparta e Atenas. Mas as semelhanças não param por aqui. A questão da legitimidade da voz da mulher tem outro fator: é que existem duas exceções à regra... dois casos em que desde aquela época a voz da mulher era ouvida, respeitada e legítima. O primeiro não é tão comum, mas existem registros de mulheres que agem como homens ou pensam como homens, nas palavras dos antigos, e os homens as escutam normalmente, até nas assembleias. Um caso famoso é a esposa de Agamemnon, Clitemnestra, que quando começa a planejar a morte do marido, para tomar o trono com o seu amante, é referida nos textos em termos masculinos, até na própria linguagem, e hoje a gente vê isso em mulheres como Angela Merkel, Margaret Thatcher, Hillary Clinton, Teresa Mei etc. Mulheres que falam na língua da política, a língua pública, a língua dos homens, ao invés de falar da maneira privada e pessoal, focada na própria perspectiva, em questões femininas, especialmente as relacionadas ao sexo, que são as características que os antigos atribuíam a essa fala das mulheres. E o outro caso é ainda mais marcante pra nós, porque é a voz da denúncia, a voz que declara o sofrimento de uma injustiça, mas ela é sempre a injustiça contra elas mesmas ou contra uma classe, contra uma minoria, nunca contra o todo. Existem relatos de mulheres cristãs denunciando a injustiça que sofreram antes de serem jogadas aos leões. Relatos de mães e esposas falando do sofrimento dos maridos e dos filhos... isso não falta. É que neste campo, a mulher tem sim legitimidade, e o privado é seu reino – IMAGEM DE UMA MULHER COM CAMISETA: ASK ME ABOUT MY FEMINIST AGENDA. Elas estão sempre falando da injustiça de uma classe, não do todo. Então, hoje, parece ser a mesma coisa... que na mídia, em geral, por qualquer razão que seja, predomina a voz da mulher que denuncia injustiça particulares, especialmente, contra elas, especialmente, relacionadas ao sexo, e também a injustiça sofrida contra a classe de mulheres, contra os pobres, as crianças e tudo mais.

Então, enquanto as mulheres acreditam estar quebrando algum padrão, ao falar dessas questões de minoria, questões de mulher, questões relacionadas ao sexo, as crianças etc., por

causa do conteúdo de suas falas, elas acabam, na verdade, caindo na forma de sempre, a da denúncia da injustiça particular. Então, o que elas estão fazendo é precisamente encarnar a tradição, repetir o passado. Os antigos preconceitos continuam funcionando, por novos meios. Como isso acontece? Adorno e Horkheimer, na *Dialética do Esclarecimento*, dizem que o passado se prolonga pela destruição do passado e que isso acontece, porque o esforço de esclarecer, para entender melhor as coisas, que vai destruindo os preconceitos e tradições irracionais, uma hora acaba destruindo algum que era importante pro próprio processo de esclarecimento. Algum preconceito útil ou até necessário, pelo menos para ele. Um bom exemplo prático de hoje, que é meu e não deles, é como a Pitty, num programa do *Morning Show*, usou a palavra machismo para designar o que a Cláudia Leitte sofreu quando ela foi a um programa do Silvio Santos, em que ela tava com uma roupinha rosa e ele foi vulgar com ela. Antigamente, um homem não faria aquilo com uma mulher, porque era, basicamente, tabu falar livremente falar essas coisas com as mulheres desconhecidas em público. Você não trazia assuntos sexuais e não falava dessas coisas... o seu avô, seu bisavô sabiam disso. Mas, agora, esses preconceitos de não fazer essas coisas com as mulheres foram destruídos, então, é preciso chamar esses caras de machistas, para designar, justamente, o novo comportamento problemático que surge da destruição dos tabus antigos. O progresso se converte em regresso para sobreviver. Por que como é que você vai avançar qualquer coisa, enquanto os homens estiverem tratando as mulheres como selvagens?

O que é legítimo é quando ela fala dela mesma, das outras mulheres, do marido ou do filho. Mas se ela tenta falar do mundo enquanto tal, ela não tem *mûthos* para fazer isso... ela não tem a legitimidade mitológica. E ela fala também como em Roma, assim como nos gregos, como a gente viu com Telêmaco, falar em público não é só uma coisa de homem, é por excelência, a coisa de homem. O termo com o qual se referia ao “cidadão de bem”, sabe esse termo? Aqui não é bem assim, mas que existia o termo “cidadão de bem” para eles... o termo era *vir bonus, dicendi peritus*, “homem de bem, perito na fala”. Ela fala que, nessas histórias antigas, na maioria das vezes, as mulheres com poder são retratadas como agressoras, não como detentoras do poder. Elas são o poder ilegítimo... quando elas tomam o poder, elas levam ao caos, a ruptura do Estado, a morte, a destruição... são... Ela fala nesses termos aqui: “de fato são as inquestionáveis trapalhadas feitas pelas mulheres, com o poder, no mito grego, que justificam a exclusão delas, desse âmbito, na vida real e justificam o papel do homem”. Essa frase aqui é a mais essencial do livro, para mim. Foi aí que começou a minha percepção de como que o machismo se manifesta através do feminismo, em suma, porque é o seguinte: imagina assim... se a gente vive na determinada cultura, que é a mesma que a cultura dos gregos,

quando a imagem pública da mulher vai se formar, qualquer que seja o processo que determina a consolidação duma imagem que consegue efetivamente representar as coisas para todo mundo, neste processo, o feminismo ele é filtrado, ele se transforma na visão da cultura ocidental, da mulher. Então, o que a gente vê as feministas fazendo lá e o que a gente vê elas defen... e esse é o problema: o que a gente vê as feministas lá fazendo é essa imagem caricatural, horrível, que é impossível pedir para os homens defenderem. Só que aí a defesa disso é feita de uma forma meio que: não, nem todo mundo é assim... não é bem assim. Não adianta, entendeu? Não adianta que você não seja assim. O ponto é que, se a imagem que representa o feminismo for a imagem das trapalhadas femininas, que é exatamente o que aconteceu, cara, não tem o que fazer... isso é... isso está aqui no mito grego... é por essência aquilo que faz os homens se levantarem. Por último, ela fala uma coisa que eu acho importante a gente ter isso em mente... ela fala assim: “que tem um monte de ranking que traçam a proporção de mulheres na assembleia legislativas nacionais”. No topo, ou seja, o lugar que mais tem mulher na assembleia legislativa, Ruanda, mais de 60% dos membros são mulheres. E o Reino Unido tá quase 50 posições abaixo, no ranking... ele tem, mais ou menos, 30% de mulheres na assembleia. E ela fala que: “até o Conselho Nacional da Arábia Saudita tem uma proporção maior de mulheres que o Congresso Americano”. E daí ela fala o seguinte: “se em alguns lugares a presença de um grande número de mulheres no parlamento significa que lá seja o lugar onde o poder não está” ... que não dá para você deixar de se fazer essa pergunta... isso é o que ela diz. O ponto é que não adianta nada você celebrar, se as mulheres estão sendo inseridas num lugar que não tem poder real. “Ah, mas é representatividade” ... foda-se! Porque, senão, é justamente isso que vai acontecer: vão te dar só a representatividade e você vai defender isso, a duras... com unhas e dentes. Como se fosse alguma coisa, que não é nada. E é assim que eu explico o que eu estou falando: as mulheres ganharam extrema representatividade. Para fazer o quê? Para reforçar a imagem que a cultura ocidental já tinha sobre elas e não para desafiar essa imagem... jamais para desafiar essa imagem! Mas é isso... valeu por assistir até o fim e, por favor, considere entrar pro meu grupo de alunos da República do Pl@tinho. Mais informações nos sites de doação e o link do Apoia.se e do Patreon tá fixado no topo dos comentários ali... comentário mais alto tá sempre fixado isso nos meus vídeos. É isso aí galera, falou!

ANEXO B - Transcrição do Vídeo: “Édipo Rei, Oresteia e Submissão Feminina na tragédia grega”, do canal Pl@tinho

A submissão feminina. Esse é um assunto sobre o qual sempre quero falar, mas é difícil encontrar o jeito certo de passar a mensagem. E a peça *Antígona*, do Sófocles, eu acho que é um belíssimo exemplo... uma belíssima mensagem sobre isso... sobre a questão da submissão da mulher à autoridade masculina. A peça *Antígona* acontece depois dos eventos da peça do *Édipo Rei* e depois dos eventos da peça do *Édipo em Colono*. Em suma, tem a história famosa do Édipo, daí os filhos dele brigam para ver quem vai tomar o trono, depois do Édipo. O Édipo não ajuda eles... não diz quem é o verdadeiro herdeiro, porque eles não ajudaram o Édipo quando ele estava mal. Eles guerreiam, ambos morrem, e aí começa a peça *Antígona*. Eu vou ter que contar um pouco da segunda peça, porque, eu acho, que acaba sendo relevante. Os irmãos não conseguiam saber quem ia... como eles iam fazer para dividir o trono, e daí, eles decidiram: um vai reinar um ano, outro reina outro ano e vão alternando. Daí o primeiro reinou, passou o reino para o segundo e daí o segundo não quis repassar, ou acho que o primeiro não quis repassar, não lembro qual dos dois foi... um dos dois não quis passar e o outro se aliou aos vizinhos para guerrear contra a própria cidade, para retomar o trono, mas é porque o irmão fez uma ilegalidade... ele não quis devolver o trono para ele, quando era a vez dele. Mas ele trouxe os estrangeiros, guerrearam na cidade e os dois morreram. Quem está no trono, então? O Creonte, que é o eterno regente de Tebas. Foi ele que entregou o cetro ao Édipo, quando Édipo tomou o reino. Ele é o irmão da Jocasta e ele é o cara que acaba sempre na mão dele reinar aquela cidade. E a essa altura, pensa que todos aqueles eventos já passaram. O Creonte, ele já é um cara bem endurecido pela vida. Então, ele toma a seguinte decisão: na hora de enterrar os irmãos que guerrearam, ele proíbe de enterrarem e celebrarem o funeral do irmão que se juntou com a cidades inimigas para atacar a cidade deles, porque ele é um traidor. Manda ninguém tirar o corpo dele lá de fora e não fazer nada.

A Antígona, que é filha do Édipo, e que é irmã dos dois que guerrearam, decide que ela vai desobedecer a ordem do Creonte, porque na Grécia, na verdade é uma coisa sagrada em todas as culturas num grau ou em outro, mas na Grécia isso é muito forte... eu diria que é consideravelmente mais forte do que aqui, a questão do enterro apropriado. É essencial para eles e é uma impiedade tremenda um rei ou qualquer pessoa decretar que não se deve enterrar alguém. É totalmente contrária às leis dos deuses e essa é a discussão, justamente, que Antígona vai ter com a irmã dela, porque a Antígona fala: vou enterrar, então, ele, porque é absurda essa regra... como assim vou deixar meu irmão lá apodrecendo? Não tem essa... Eu vou pegar meu

irmão é enterrar. A irmã fala: você não devia se meter nas regras dos homens... você não devia desafiar a autoridade dos homens. E Antígona fala: mas a autoridade dos deuses é maior... eu estou obedecendo a autoridade dos homens... estou obedecendo a ordem dos deuses. E, eu acho, que esse é o grande ponto que precisa ser levado em consideração para gente entender a importância da submissão feminina dentro dos moldes em que o homem está se submetendo a algo maior do que ele também. É claro que o homem que manda, mas segundo uma religião ou uma tradição, que não deixa ele livre de forma alguma. Ele é livre para ordenar, mas, assim, tendo em vista certas coisas que todo mundo sabe milênios quais são. Não é para ficar ordenando a mulher a plantar bananeira, a ficar fazendo trabalho escravo, a fazer atos vulgares absurdos. É simples, cara. No fim das contas, a autoridade masculina não se justifica, a menos que seja para essas coisas que todo mundo sabe que são certas. Mesmo que seja o caso de ninguém interferir, porque o cara tem autoridade, não vai ser considerado legítimo se o cara tiver mandando na mulher fazer coisa que vai contra a tradição. Isso é completamente descabido. Ela obedece, porque é a tradição. Ele manda, porque é a tradição. Qualquer coisa que vai contra a tradição, dentro desse esquema, não tem lugar.

É difícil resolver. Eu acho que, considerando que as mulheres vão ter que sair para ir trabalhar, elas não podem ser... não pega bem mesmo elas pagarem de submissas. Eu acho que a imagem pública delas... não sei muito bem o que dá para fazer quanto a isso. Mas que, pelo menos, para gente entender bem isso, que não deveria, pelo menos, ser visto como uma desonra ou como um poder desmedido na mão do homem isso, porque é uma autoridade, que nem a autoridade da mãe com o filho, sabe? A mãe, tudo bem, ela tem autoridade para mandar o filho fazer o que ela quiser. A tradição é que a mãe que ensina as coisas para o filho, mas a tradição também é que a mãe não fica ensinando, literalmente, qualquer coisa para o filho. Então, é a mesma coisa que no marido e a mulher: é para a mulher obedecer o marido, mas não em qualquer coisa. E aí que eu acho que entra o grande problema da história toda que é a parte que... cara, não dá para separar quão suja é a mente dos homens hoje... as ideias e os fetiches... com essa questão das mulheres terem medo do que os homens vão mandar ela fazer na cama... não é para ter autoridade nisso. Esse esquema da autoridade, do homem na cama, cara... entenda que ele faz sentido pleno quando aquele sexo que ele está fazendo com ela, em potencial, é ele tendo que trabalhar mais e prestigiando mais a mulher, porque ela deu mais um herdeiro, sabe? É... sem essa promessa do sexo como a mulher dar alguma coisa para o cara, o herdeiro... sem os limites do que se faz no sexo... não vai transar porque está grávida... não é para transar toda hora, por qualquer razão, entendeu? Você tira todos esses limites, realmente não faz o menor sentido... não é para a mulher obedecer o marido assim. Vai ficar transando todo dia, a

cada 5 minutos? Vai tomar pílula e ela não vai poder... não vai sentir nada, não vai ter filho nenhum, então, vai ser todo dia, o tempo inteiro, sem menstruação, sem nada? Pensa que, no normal, tem o ciclo fixo ali da mulher. Cara pode transar com ela, mas num pedaço do mês, toda vez, ele não vai poder... tem dias sagrados, provavelmente, ele não pode em qualquer cultura. Toda vez que ela engravida, vai ficar um período que ele não pode fazer também. Cara, é muito diferente... muito diferente de você transformar... porque pensa que essa história das bonecas... mano, as mulheres já são uma boneca: quando você põe ela em pílula e tudo mais... ela já estão cheias de silicone... elas já têm maquiagem, que nem a boneca... elas já estão todas artificializadas. E as que tomam pílula e tudo mais, elas já são estéreis com uma boneca. Naquela mesma coisa que eu falei que os homens tratam a si mesmos como brinquedos sexuais, sabe? O homem não quer nenhuma responsabilidade sobre o que ele faz com o brinquedo dele... mas é porque a gente não tem mesmo, porque, na prática, na lei, você meio que já não tem mais muito poder sobre o seu filho. Não é o seu negócio mais... Pelo menos, está nessa situação meio estranha.

Mas dá para a gente ir um pouco além. Por que que racionalmente é possível que esse esquema funcione? Um fator muito simples, que parece ficar esquecido, é o amor dos pais pelas filhas ou, como quer que você queira chamar, os sentimentos que eles têm de não querer ver suas filhas desonradas, nem que seja só pelo bem da própria reputação. O fato é que, essas regras, que emanam na tradição, da religião, de tudo que é sagrado, elas são administradas por autoridades terrenas, masculinas, quase sempre, que se preocupam com as condições de tratamento de suas filhas. A tradição, aquilo que é legítimo um cara fazer com a sua esposa, sempre vai estar dentro daquilo que os pais concordam que seja feito com suas filhas. Talvez essa seja a questão: a legitimidade deriva do grupo dos homens. Se agora esse esquema das mulheres obedecerem os maridos não funciona mais, sem a mais remota sombra de dúvida, tanto por dedução teórica, quanto por observação empírica, é, acima de tudo, em primeiro lugar, porque os homens não querem mais que suas filhas recebam ordens de outros homens... não querem mais que homem algum se eleve acima dele. A menina recebe ordem do pai e, então, nunca mais receberá ordens dos outros, dentro da própria casa, pelo menos. É natural que os pais não queiram deixar homem algum fazer o que quiser com sua filha. É apenas por meio desses acordos civilizacionais gigantescos que a tradição promove que, de algum jeito, isso acaba sendo possível, ainda que com problemas, porque não é fácil controlar. Existe algum instinto dentro dos pais que é mesmo de sua filha nunca gostar dum cara... nunca se submeta a outro cara. O Nietzsche diz que é sempre uma guerra de alguns instintos com outros instintos, guerra dos instintos. Talvez, esse aqui seja esse caso: o triunfo dos instintos paternos de

autoridade final sobre suas filhas para sempre, de nunca abrir mão delas. Talvez o mesmo se aplique também as mães com os seus filhos. O que vocês acham? É isso galera. Obrigado por colar... espero que vocês estejam curtindo aí os vídeos nas outras plataformas também e tudo mais. E falou!

ANEXO C - Transcrição do Vídeo: “A Fúri@ de Aquiles”, do canal Pl@tinho

A capacidade de sofrer a uma afronta é a marca do grande guerreiro. Ele não precisa da virtude dos perdedores, a virtude das ovelhas, de deixe estar. Os primeiros heróis gregos eles são celebrados como fazedores de feitos. Eles são quem mostra por que que existe algo e não nada. Por que que não tá todo mundo deitado, sentado na praia? Por que que algo existe ao invés de simplesmente só a natureza? Por que que alguém levantou e fez alguma coisa? São forças desta magnitude que rompem, rasgam a realidade, através do homem, através do braço do homem. A fúria é a substância de que o mundo é formado. APARECE A IMAGEM DO QUADRO “A ESCOLA DE ATENAS”. PL@TINHO FALA: E aí galera, beleza? O meu nome é R0drig0 Ferr@ri, bem-vindos ao meu canal. Nesse vídeo eu vou falar pra vocês da *Iliada*, mais especificamente da fúria do Aquiles, através das reflexões que o Peter Sloterdijk que faz sobre isso. A palavra fúria, *mênis*, ela é a primeira palavra da *Iliada*. A tradução que eu usei do Haroldo de Campos não é assim, porque precisa rimar, mas o sentido da frase original é “cante ó deusa a fúria de Aquiles”. APARECE NA TELA: “*MENIN AEIDE THEA PELEIADEO ACHILEOS*” E APARECE EMBAIXO: *(É UMA “CONJUGAÇÃO”⁴⁴ DE *MÊNIS*). Mas, então, por que que já começa a *Iliada* com Aquiles dando *rage*? Por que o Aquiles ia tá bravo? É assim... logo no primeiro livro da história, os gregos eles já estão lá na expedição pra invadir Tróia, pra recuperar a Helena, só que eles tão sendo devastados por uma praga, por uma peste. E quando você tá sendo devastado por uma peste, pra eles é porque algum deus tá bravo com você. Aí eles ficam tentando descobrir o que que aconteceu, o que que eles fizeram de errado, pra acabar a peste e aí eles trazem lá um vidente e tal e eventualmente o vidente descobre o seguinte: uma das meninas que eles pegaram como prêmio, que era o normal e eles dividiam de uma forma meio meritocrática assim, então, era relevante qual mina ficava pra quem. E daí o Agamemnon, que é o rei dos reis, *basileutatos*, o mais rei dos reis. E o Aquiles que é o melhor de todos os guerreiros. E aí o vidente descobre que a mina que ficou pro Agamemnon ela é filha de um sacerdote do Apolo. E aí Apolo tá muito bravo e tá devastando todo mundo com a peste. Mas enfim... chega o Aquiles e fala: “cara, então vamos fazer assim, por que que você não devolve a mina e aí resolveu, acabou o problema”. O Agamemnon fica furioso, fala: “não, eu, eu que mando aqui nessa porra, não vou devolver nada”. Aí o Aquiles vai lá e fica bravo e daí ele fala um monte de coisa do Agamemnon. Aí o Agamemnon fica mais bravo ainda. “Ah não, aí é que eu não vou devolver mesmo. Aliás, não, vou devolver sim, só que aí eu vou pegar a

⁴⁴ Na verdade, *menin* é uma forma do substantivo *menis* (e não uma conjugação de um verbo).

sua mina e aí você fica sem nenhuma”. E aí o Aquiles em resposta fala “então tá bom, então vou voltar pra base e num vou fazer mais nada”. Aí ele pega todas as tropas dele e eles tira, ele tira numa dura, volta pra casa... casa não né? Mas volta pra tenda e ele fica 9 livros não participando da guerra, *AFK* na guerra. E isso só se resolve quando ele fica muito furioso, porque matam o melhor amigo dele. E aí, que tava, inclusive, com a armadura dele. E aí ele, os deuses vêm, fazem uma armadura nova, ele fica puto e aí ele chega e ganha o rolê. Na verdade, ele não ganha né? Depois vocês vão, eu vou falar mais disso depois. Então, o fato de que a *Iliada* começa com um apelo aos deuses pra que eles deem força e auxiliem essa fúria do Aquiles, “cante ó deusa a fúria de Aquiles”, ela mostra qual é a relação que os gregos tinham com essa fúria. Não é uma coisa como a nossa. Pra nossa cultura, a raiva ela é um defeito, ela é uma doença. Claro, não é tão simples assim, né? Assim, todo mundo sabe que vai fazer parte da resolução do problema também e tal, mas seja como for a gente encara ela de um jeito bem, assim, que ela é uma coisa que você tem que evitar, porque ela faz mal pra você e é isso. Só que pros gregos a gente vai ver que ela é uma força criadora. O mundo do Homero ele é o resultado da soma total das batalhas que acontecem nesse mundo. E as batalhas, o sucesso nas batalhas, tá totalmente atrelado a essa fúria. Para eles, a fúria ela não é do herói, ela é uma coisa divina que encarna no herói. O deus fala através do herói pela fúria. O braço do herói, a voz do poeta e a inspiração de deus que vem e dá fúria pra ele são todos uma coisa só. Pra eles não são os humanos que têm as paixões, são as paixões que têm os humanos. As paixões nos tomam. É pelo surto de fúria que deus fala com o herói no campo de batalha. Mas assim ele enfatiza que os primeiros heróis gregos eles são celebrados como fazedores de feitos. Eles são quem mostra por que que existe algo e não nada, por que que não tá todo mundo deitado, sentado na praia curtindo, sabe? Por que que alguém levantou e fez alguma coisa, por que que algo existe ao invés de, simplesmente, só a natureza e a gente por aí. São forças desta magnitude que rompem, rasgam, a realidade através do homem, através do braço do homem. É isso que modifica o mundo, que cria algo novo. A fúria é a substância de que o mundo é formado. A gente tem essa visão assim de que a gente é civilizado e daí a fúria ela tenta trazer a gente pra natureza de volta, só que a visão deles é a inversa disso, porque, por que que existe alguma coisa senão a natureza? Porque vem algo de cima, que te, te pega num instante... eles falam como: o homem só é capaz de construir algo que se imponha sobre a natureza por causa de forças tão brutais quanto a, quanto a fúria do Aquiles. A fúria épica ela é uma energia, uma força cósmica, como uma tempestade ou a luz do sol. Ela é um reflexo de uma ordem maior. E não de uma ordem inferior. A fúria não era simplesmente um apetite básico ao qual a gente é... cede ou resiste. É a fúria do herói que expande o mundo. A capacidade de sofrer a uma afronta é a marca do grande

guerreiro. Ele não precisa da virtude dos perdedores, a virtude das ovelhas, de deixe estar. O herói é uma espécie de profeta com a tarefa de atualizar instantaneamente a mensagem de sua força. O herói é o guardião da fúria. Ele fala que Homero faz o possível pra estender a dignidade da fúria, mas que em última instância quem ganha a guerra pra eles é a *métis*, é a esperteza, a sagacidade do Ulisses (APARECE NA TELA: OUTROS TERMOS ASSOCIÁVEIS À *MÉTIS*: SAGACIDADE, ASTÚCIA, LÁBIA. APARECE TAMBÉM UMA IMAGEM DE VÁRIOS PERSONAGENS, EM QUE ESTÁ ESCRITO “*ODISSÉIA*: UMA AVENTURA DE ULISSES”). Ela realmente é a *skill* central. Ulisses ele é o grande herói e você tem assim... Ulisses ele não é o melhor lutador de todos, mas ele é o cara *top*, e o que que ele tem a mais do que os outros? Essa esperteza, essa sagacidade, que não é erudição, mas também não é só a esperteza das ruas, mas é uma coisa que engloba os dois. É a inteligência, é a prudência, mas também é a lábia. A gente pensa a lábia, já vem coisa do mal, entendeu? Mas não, não, vamo chama “lábia do bem”, porque em última instância cê... se... e se você tá certo? E se você tá justo e você precisa da lábia pra convencer a pessoa da coisa certa? Essa lábia é essencial. Mas o cara que tem essa habilidade ele também vai usar de forma parcial a si mesmo. E... o Ulisses faz isso. Ele engana os caras ao longo da história, na *Odisséia* ele faz isso o tempo todo, mas daí tem essa história de que assim a *Odisséia* é a história dessa sagacidade do Ulisses, e a *Iliada* é a história dessa fúria do Aquiles (APARECE DE NOVO A IMAGEM DE VÁRIOS PERSONAGENS, EM QUE ESTÁ ESCRITO: “*ODISSÉIA*: UMA AVENTURA DE ULISSES”). Embora a *Odisséia* seja sobre essa sagacidade do Ulisses, ela também é uma glorificação da violência. E você tem a cena em que o Ulisses volta pra casa e... tem assim... tem... ele, ele volta finalmente da *Odisséia* depois de milênios. E daí tem um monte de convidados em Ítaca, eles tão lá... assim... meio que torcendo pra ele não voltar, mas é, pô o cara ficou décadas fora... todo mundo esperou o tempo suficiente, respeitaram a esposa dele até certo ponto e tal. Então, assim... o ponto é que ele chega lá, puto, mata todo mundo. Ele dizima uma geração inteira de, de jovens gregos de tão puto que ele tá. E... e não fi... ele não é colocado como, então, as... e ele é o herói. E daí ele fala da domesticação da fúria (APARECE A IMAGEM DO LIVRO: *RAGE AND TIME*, DE PETER SLOTERDIJK). Ele fala que no Platão e nessa época, você começa a observar já a exorciação (*sic*) da fúria da cultura. Que essa fúria *old school* ela não encaixa mais no modo de vida civilizado, especialmente no modo de vida urbano. E daí a vida civilizada vai construindo uma forma de fúria que é a fúria justa. Assim, ela ainda tem um espaço pra se manifestar quando você sofre a injustiça, mas é muito diferente do que essa... assim, a fúria do herói, do Aquiles, ela não tem nada a ver com o que é justo ou injusto, ela tem a ver com o que a força tomou o cara, quem sabe os desígnios dos deuses pra

encarnarem no cara a fúria? Tudo que ele sabe é o que ele tem que fazer, por isso que a fúria hoje, a visão que a gente tem da fúria, não é... sim, pensa: por que que a cultura mudou? Não é simplesmente uma imposição de cima pra baixo, alguém inventou. Todas as condições mudaram e se você não se adapta a essa outra cultura, você não sobrevive. As culturas e sociedades que não domesticaram a fúria se ferraram na mão das culturas, das sociedades, que conseguiram domesticar a fúria e canalizar ela de um jeito certo em que ela, agora, continua existindo, mas só do jeito que funciona pra pólis. APARECE AO LADO UMA IMAGEM ESCRITA: POLIS = CIDADE-ESTADO (QUE SÃO MAIS COMO PAÍSES). E eu queria terminar falando uma coisa que ele fala aqui sobre o eroticismo, sobre quando você pensa na importância da libido, a gente tem hoje essa ideia de que é inaceitável, é impensável a ideia de você não ceder as imposições da sua libido, você é a sua libido. Eu acho até que é por isso que precisaram inventar essa nova... essa nova marca, esse *rebranding* do celibatário... agora não é mais celibatário, é assexuado... não é que ele decidiu não transar, é que ele nem tem vontade, entendeu? Porque rola uma coisa assim, que se você tem vontade e não faz, ou você é um fracassado ou você é um doente mental. Você vai ser questionado por seus amiguinhos o tempo todo. Então, essa necessidade de se definir o... a criança, o jovem, fala: “então, sou assexuado, pronto, o que que eu vou fazer né? Porque, assim, se todo mundo é um degenerado sodomita e eu não sou, deve ter algu... tá faltando alguma peça em mim pelo visto”. Então, eu vejo como uma coisa assim, como consequência disso. (APARECE UMA PÁGINA DA WIKIPEDIA, EXPLICANDO O QUE É THUMOS). Aqui que a gente chega na parte importante pra entender um pouco o conflito entre a nossa visão e a deles. O Platão... eu não vou usar exatamente o esquema do Platão aqui, mas vou partir dele pra vocês entenderem e num precisa se importar. Imagina que a nossa alma tem tipo três partes... a gente tem o... a nossa, o nosso apetite, a parte que tá relacionada aos prazeres carnavais, então, sexo, comida, essas coisas. A gente tem a razão e a gente tem o espírito. Esse espírito ele é tipo nosso centro de orgulho. Ele é o *thumos* pros gregos e é dele que vem a raiva, é dele que vem o nojo, é dele que vem essas, esse sentimento, o seu valor, coisas assim. E ele entra em contato (APARECE NA TELA: “*CONFLITO”) direto com a libido e com os apetites de forma geral. No livro 4 da *República* (APARECE NA TELA A CAPA DO LIVRO “A REPÚBLICA”, DE PLATÃO), se não me engano, o Platão usa um exemplo em que assim tem um cara que é... tem, assim, não lembro o que que aconteceu lá fora, acho que acabou uma guerra, tem um monte de cadáver lá fora da cidade e a situação é assim, ele, ele muito não quer ver, mas ele tá sendo muito atraído pra ver e eventualmente ele cede, vai lá e fala: “ó, vê...”, assim ele, ele fala: “ó, vejam seus miseráveis, se deliciem com essa beleza”, uma coisa assim, ele briga com os próprios olhos. O que que tá acontecendo aqui?

Esse centro de orgulho dele é o peito, é o coração e ele tá entrando em conflito com os apetites e ele cede. E a gente tem meio que hoje essa ideia de que... o apetite ele é praticamente sagrado, o *thumos*, o orgulho, a raiva, elas são coisas encaradas como patológicas enquanto que a libido não. O que você mais vê por aí é gente sabiamente incentivando os outros a abrir mão do orgulho, em nome, em geral, da carreira e de interesses profissionais. Cê, cê precisa abaixar a cabeça e ser razoável. A vida contemporânea é um rolo compressor desse orgulho. Não é por acaso que tá cada vez todo mundo mais furioso. Eu acho que tem várias razões aí, mas, assim, pra começo de conversa pensa no nível de humilhação que as pessoas sofrem numa vida normal. Pensa num herói grego tendo que passar o dia trancado no trânsito, depois escutando merda do chefe, que é um terço do tamanho dele, depois volta pra casa e escuta merda da mulher, aí ele vai na internet e escuta merda na internet... todo mundo xingando, todo mundo humilhando, ao mesmo tempo em que a nossa cultura ela também tem... o consumismo ele tem essa tendência a querer amassar o orgulho e permitir que os apetites aflorem o máximo possível, porque o orgulho é... uma das grandes razões pra você não sair por aí se deixando levar pelos seus apetites, o que é ruim e pouco lucrativo. E também assim, em última instância, o que que mais justifica os sacrifícios do orgulho que você faz, pra você ter que ter uma carreira? É o apetite. É assim que a gente, a gente, é... racionaliza hoje. Você vai trabalhar que nem um cão, porque daí no fim de semana você é um rei, porque daí você vai ter umas coisas legais, porque daí você vai ter prazer, basicamente. Então, a gente já tem essa situação meio tensa de equilíbrio tenso. Aí você adiciona, mistura, um desemprego cada vez maior (APARECE UMA CAPTURA DE TELA DE UMA NOTÍCIA ESCRITA: “MULHERES SOBRECARGADAS E HOMENS DESEMPREGADOS: FAMÍLIAS BRASILEIRAS CHEGAM A 2019 AINDA EM CRISE”), condições de emprego cada vez pior. Então, você já se humilhou no seu limite pra conseguir um e aí você vai lá e é mais humilhado ainda e você vale cada vez menos e a cereja do bolo é a questão dos prazeres sexuais, que eu já, já devo ter apresentado aqui, não lembro se eu peguei os gráficos, vou ver se eu acho e ponho aqui (APARECE NA TELA UM GRÁFICO ESCRITO: “NÚMERO DE VEZES POR ANO QUE AMERICANO ADULTO MÉDIO FEZ SEXO (ENTRE 1989-2014)” MOSTRANDO UM DECLÍNIO NOS NÚMEROS). Mas que a nossa geração tá transando muito menos que as outras. Transa-se muito menos hoje. As razões são meio complicadas, em algum outro vídeo aí eu já entrei provavelmente e devo entrar de novo, mas o fato é que, se em última instância o lastro dos nossos sacrifícios do orgulho são... “ah, mas pelo menos a gente é sexualmente livre, né?” e a gente não tá transando. É lógico que tá todo mundo puto, se matando de raiva. Então, pode parecer estranho que você pense: “não, mas, por que que tá todo mundo se matando de raiva? Porque é orgulho de mais, tá todo mundo

super orgulhoso”. Não, é porque os orgulhos foram amassados e aí vem o retorno inevitável daquilo que foi amassado, daquilo que foi reprimido o máximo possível por todos os lados. Se você para de cismar em tentar interpretar tudo que as meninas feministas falam sobre o prisma de um movimento histórico, você percebe que todos os problemas que elas têm com os homens são relacionados a esse centro de orgulho. Ela vai querer externalizar isso de uma forma que tem muito mais a ver com esses movimentos políticos e o cara que vai querer converter ela também vai fazê-lo, mas é perceptível que, na intimidade da pessoa, é uma questão de orgulho e é uma questão de apetite versus orgulho. Ela quer ficar com o cara machista, ela pode querer que o cara pague a conta, ela pode querer que o cara faça todas as coisas que se faz por uma mulher submissa e etc., mas ela, ela não... mas o orgulho dela se revolta contra isso. O... ser a dona de casa do cara machista, pra ela, é o equivalente, naquela situação, do cara que não quer ir lá admirar a beleza dos cadáveres da batalha por orgulho, mas ele cede e vai e ela não quer ceder. E a mesma coisa, eu acho, explica também, pelo menos parte do fenômeno dos “Homens Seguindo seu Próprio Caminho” (APARECE NA TELA UMA PÁGINA DA WIKIPEDIA, EM INGLÊS, EXPLICANDO SOBRE O “MEN GOING THEIR OWN WAY”), que também é uma batalha do apetite contra o orgulho. Os homens têm essa... assim, quando você tá interpretando todas as reclamações que os homens têm com relação as mulheres, você não pode tirar... assim, ninguém vai precisar falar isso, isso é um dado, tá em todos nós... você não precisa falar que o nosso apetite é escravo de mulher. Parte-se desse pressuposto, entendeu? Então, há uma grande revolta do quanto que o cara tem que se humilhar pra ficar com a menina. Quanto que o apetite dele tá exigindo que ele, que ele sacrifique o seu próprio *thumos*, que ele olhe pro lado, assim... perceba também que é meio malandragem, eu acho que tem tudo a ver com a cultura consumista, tipo, honra, cê não consegue vender honra, mas cê consegue dar uns cadáveres bonitos pras pessoas irem lá comprar, pras pessoas irem lá ver e admirar. Então, assim, honra não é real, mas, mas o apetite, ah! Os apetites são muito reais, aliás, é a coisa mais real que tem, coisa mais importante que tem é satisfação dos seus apetites. Então, de certa forma, o que se observa na cena do Ulisses assassinando todo mundo, na fúria do Aquiles, é a desmedida do *thumos*. É um equivalente do orgulho que você vê pra promiscuidade extrema, no caso da libido, que essa é a desmedida pra cá e a desmedida do, do orgulho é você sofre a afronta e você é tomado completamente da necessidade de restituir a sua honra. Mas ele fala do que a gente deveria mesmo sob o pretexto de deixar inclinações eróticas não realizadas, ouvir as demandas do *thumos*. Ele fala de como outras culturas tiveram que dar um jeito de fazer a gente sacrificar o nosso orgulho em nome de algo maior. Só que o consumismo contemporâneo ele consegue fazer isso, ele consegue fazer a gente largar o nosso orgulho, em nome de algo que

não é maior, é simplesmente em nome do erotismo, em nome do prazer. Em outras culturas você, em geral, precisa de dar uma certa nobreza pra que a pessoa sacrifique o próprio orgulho e se sinta nobre ao mesmo tempo, porque sacrificar o próprio orgulho é uma coisa muito baixa, é uma coisa muito... o oposto da nobreza. E ainda com aquela história de que se você tiver envergonhado, se você tiver sentindo o seu próprio orgulho ferido, porque cê tá fazendo papel de um verme, que “não, você não devia se preocupar com o que os outros estão pensando”, como se a sua imagem no mundo fosse algo que é irrelevante, como se isso fosse uma mera inconveniência, que vai te fazer ter dificuldade pra dormir, mas nada além disso. Mas é... isso aí, por hoje é só... falou, platominions (E ENCERRA O VÍDEO COM A IMAGEM DO QUADRO “A ESCOLA DE ATENAS” COM AS SUAS REDES SOCIAIS).

ANEXO D - Transcrição do Vídeo: Transcrição do Vídeo: “N@tureza feminin@? | Edgar Morin e Camille Paglia”, do canal Pl@tinho

O VÍDEO COMEÇA COM A CENA DE UM FILME. A PERSONAGEM FALA: “EU NÃO SEI PORQUE A DIANA SAI COM ESSES GAROTOS DO COLÉGIO... ELES SÃO COMO CACHORRINHOS: A GENTE MIMA, ALIMENTA E, QUANDO ELES PERDEM AS ESTRIBEIRAS, PULAM EM CIMA DA GENTE E FICAM NOS LAMBENDO”.

“O mito humanista do homem sobrenatural reconstituiu-se no próprio seio da antropologia e a oposição natureza x cultura assumiu a forma de paradigma, quer dizer, de modelo conceitual, que dirige todos os seus discursos”. O ponto é ver como que a elaboração cultural tá totalmente ligada à evolução biológica. Não é só o homem que não pode ser reduzido a biologia, é a própria biologia que não pode ser reduzida ao biologismo. Que a mulher é o gênero do mistério, porque as partes dela tão dentro dela, tão internas... nem ela pode ver, sendo que do menino, muito pelo contrário, não só não tá escondido, como tá projetada pra fora... a gente é o gênero que sai atrás das coisas, então, esse tipo de coisa ela costuma fazer bastante... como que a nossa fisiologia simbolicamente tá bem de acordo com aquilo que a gente faz, com como a gente vive e a forma que a gente encara o mundo e que as pessoas encaram a gente.

E aí galera, beleza? O meu nome é R0drigo Ferr@ri, o R0drigo Utchensky, no Facebook, pra quem quiser me adicionar lá. A ideia central desse capítulo é a de que os homens se unem para criar a cultura contra a natureza e a mulher é a natureza, então, é por isso que toda a cultura tá permeada de coisas contra a mulher, porque a cultura inteira é feita contra a onipotência da natureza e a onipotência da natureza feminina. Ela (CAMILLE PAGLIA) fala assim que os humanos não são os favoritos da natureza. Se a natureza der de ombros, um vulcão explode e destrói cidades inteiras... a gente é isso, a gente não é nada, uma mulher é puxada pro chão pela própria natureza... o homem não tem uma coisa assim que todo mês sai um monte de sangue, ele não tem uma coisa assim de se interagir com uma mulher, fazer uma coisa que uma mulher, de repente, tem um ser dentro dele, que vai ficar nove meses lá dentro, crescendo, te causando um monte de processos biológicos. A mulher tem nela a lembrança, a memória da natureza de um jeito que não é a mesma coisa pro homem. A mulher é como a lua, ela tem fases, ela nunca pode ter a ilusão que o homem é capaz de ter de que a gente pode se elevar acima da natureza, ela é natureza. Mas, então, vamos a questão: “como surge o homem?” O homem não surge pronto. UM PERSONAGEM FALA: “VOCÊ COMETEU UM ERRO GRAVE”. BATMAN FALA: “RECEIO QUE NÃO TÃO GRAVE QUANTO O SEU”. Ele não brota do nada. Tudo começa com uma mudança no meio ambiente, uma mudança geológica

que teria feito surgir montanhas onde não tinha e mudar a umidade do ar da região e inviabilizar uma quantidade de florestas, que teria muito mais florestas ali naquela região da África e as mudanças foram fazendo com que regredisse a floresta e tive... e fosse cada vez mais savana. O que que isso faz? Isso cria uma pressão em cima de todos os habitantes da floresta e essa pressão que teria tornado as florestas cada vez mais cheias, cada vez mais competitivas, a vida pros primatas teria ficado cada vez mais difícil lá e, por isso, surge o incentivo grande pra que você tente a vida na savana, mesmo que você não seja exatamente equipado pra isso. Por isso, ele chama o fenômeno de: os amotinados das florestas. Mas, a partir daí, no momento em que esses caras têm que sobreviver na savana, isso começa aquela pressão evolutiva que faz com que a gente fique cada vez mais ereto que, para ele (EDGAR MORIN), o que mais caracteriza o processo de hominização, mais do que o cérebro e o polegar opositor, pelo menos, no começo, é justamente a coisa de andar ereto, porque a partir daí que a gente pode desenvolver a mão e a partir daí que faz sentido desenvolver o cérebro. Sem mão pra pôr o cérebro em uso, o cérebro não é tão útil se é desenvolvido, mas sem andar ereto, desenvolver a mão, não é tão viável e é, por isso, que a cultura tá totalmente atrelada ao desenvolvimento humano, que dependendo daquilo que a gente cria culturalmente, as pessoas que têm mais habilidades manuais, mais habilidades cerebrais, vão se dar melhor ou se dar pior. E o processo de hominização, o processo do surgimento e consolidação da nossa espécie, foi tal que a nossa cultura favoreceu muito o desenvolvimento do cérebro, criando ferramentas e coisas que o cérebro consegue botar em uso. “Portanto, não existe uma categorização rígida, não existe uma fronteira nítida entre o biológico, o social e o individual. Não existe integração perfeita, existe complementaridade e, ao mesmo tempo, concorrência”. Ele (EDGAR MORIN) compara esse esforço atual de negação da natureza humana aos racionalistas das antigas que, basicamente, negavam a existência da matéria, que a gente é só alma pura e o corpo ele é uma outra entidade que é nossa, como se nós não fôssemos o nosso corpo. E a teoria dele sobre o surgimento do homem é excelente pra mostrar como essas coisas se misturam totalmente. Então, ele enfatiza o dinamismo desse processo... ele chama de transformismo antropológico. A ideia é focar em como tanto a cultura quanto a natureza estão sempre se influenciando mutuamente, estão sempre em mudança. O ponto central para ele (EDGAR MORIN), o elo perdido dessa história toda, da relação entre a natureza e a cultura, é o cérebro... é o sistema nervoso central. Ele fala de como você não consegue entender o desenvolvimento do nosso cérebro sem você remeter a desenvolvimentos da nossa cultura. Então, a cultura invade a biologia, principalmente, aqui, através do cérebro. Pensa como que, se você compara a espécies de primatas, macacos anteriores a nós... se você observa eles têm a capacidade de quando a gente ensina eles a fazerem certas coisas, eles

aprendem... eles têm um potencial, que a natureza não, assim, que não aconteceu dele desenvolver. “Enquanto evolução natural do cérebro hominídeo produziu e desenvolveu a cultura, é a evolução cultural que, em seguida, empurra ou estimula o hominídeo a desenvolver o seu cérebro, quer dizer, a transformar-se em homem”. O processo que pega os macacos pra hominídeos, pra homens. “O processo de cerebralização é ontogenético, quer dizer, a complexificação socioestrutural instiga o pleno emprego das aptidões cerebrais e filogenética, quer dizer, por mutações que produzem novas aptidões, que vão começar a ser exploradas pela complexificação sociocultural. Isso equivale a dizer que se o desenvolvimento da paleocultura exerce uma pressão muito grande a favor da cerebralização ontogenética e filogenética, inversamente a cerebralização traz um prêmio de desenvolvimento a complexidade sociocultural”. Tem, tem, pelo menos mais uma questão que é essencial tratar aqui... a da juvenilização ou do prolongamento da infância. A infantilidade é um... é uma época em que você fica mais moldável, é uma vulnerabilidade extrema, mas ela é, ao mesmo tempo, um grande potencial pra você fazer coisas novas surgir e pra você aprender coisas. Então, quanto mais relevante pra nossa sobrevivência foi ficando a cultura, mais foi sendo necessário que a gente se tornasse mais maleável pela cultura, que a gente se tornasse melhor pra aprender a cultura. Como você faz isso? Prolonga a infância... tem mais tempo em que a gente aprende coisas e consolida mesmo, aprende bem... isso faz com que o nosso potencial de ir aprendendo a coisa ao longo da vida seja enorme. Compara os humanos bebês com outras espécies... você vê a zebra parindo uma zebrinha... sei lá, em alguns dias, a zebrinha já faz, já presta... um bebê é inútil por anos. E, mesmo depois de virar uma criança, ele ainda é, assim... não tá em pleno emprego das suas faculdades. O desenvolvimento do nosso cérebro e das nossas aptidões dura muito tempo e isso serve, justamente, pra promover, facilitar e ajudar a consolidar os conhecimentos que a gente apreende e cria culturalmente. Esse prolongamento da nossa infância tá, tá num conjunto de mutações biológicas, que são favorecidas pela nossa cultura, sem o desenvolvimento de uma cultura, das ferramentas e das ideias necessárias pra você cuidar de uma criança por, sei lá, dez anos, até ela virar útil. Dificilmente a nossa espécie vai evoluir numa direção que as crianças duram tanto tempo como crianças... ou a gente desaparece ou as nossas crianças viram mais úteis. Por isso tudo, tá ligado? Não tem essa de só cultura ou só natureza. Não tem essa... mesmo porque toda a influência que a própria natureza exerce, foi influenciada pela cultura, além de que é óbvio que tudo o que a cultura faz precisa se submeter aos critérios da natureza. Se o cara que inventa a lança vai lá e mata os caras que não inventaram ferramentas... pronto, você acabou com biologia... você acabou com as mutações biológicas de

todo naquele grupo lá que fez um monte de mutação... não inventou lança, culturalmente, não inventaram lança, se ferrou, mata tudo!

Em última instância, a cultura é todas as coisas produzidas, tanto as cidades quanto as obras de arte, quanto as ideias, tudo. Absolutamente tudo. Então, esquece esse, esse peso moral que tem o negócio “ser cultura ou não ser cultura”... funk é cultura, nesse tipo, porque é uma produção cultural e ponto final, entendeu? Não tem choro. “A cultura se insere complementarmente na regressão dos instintos e na progressão das competências organizacionais”. O que que ele diz: que, na medida em que a nossa espécie foi evoluindo, foi espaçando de macaco pra humano, a gente vai tendo cada vez menos programação por instinto... tipo, uma formiga, coisa assim, ela faz um monte de coisa, mas, ela... assim, ela já nasce com uma programação orientando ela a fazer isso, tipo, que nem que a gente tem o ato reflexo de bater no joelho e levantar a perna, tipo, tudo isso numa formiga... tudo é assim na formiga. E a gente tem cada vez menos isso. Ah, e infância, essa infantilização, ela tá estreitamente ligada ao potencial cerebral. Não lembro muito bem as questões fisiológicas envolvidas nisso, mas o processo de fazer o cérebro crescer e caber dentro da caixa craniana não é muito simples e ele envolve, por exemplo, quando o homem descobre o fogo, quando o homem domestica o fogo, na verdade, quando ele aprende a reproduzir o processo de fazer fogo e ensinar pros outros esse processo, daí a gente viabiliza, assim, a era do comer carne cozida e, quando você come carne cozida, você precisa muito menos de dentes pra mastigar a carne. Então, assim... parte da mandíbula... imagina que a mandíbula ocupa mó espaço dentro da sua cabeça e você precisa ter um monte dela pra você quebrar a carne crua, mas... aqueles que tiveram mutações como menos dente, que tiveram menos espaço da caixa craniana dedicado a mandíbula, têm mais espaço pra cérebro. Então, o fogo promove, assim... inviabiliza que tenha mais espaço na cabeça e daí favorece as mutações que, nesse espaço, criaram o cérebro, na diminuição da mandíbula necessária pra sobreviver. “Não é só o desenvolvimento biológico do cérebro que é indispensável para compreender a formação da cultura, mas é também o desenvolvimento cultural que é indispensável para conceber o desenvolvimento biológico do cérebro até o homo sapiens. O cérebro não é unicamente uma estrutura biológica, mas uma parte da estrutura social”. Isso é frase do Kepes (?)... ele fala que dá pra entender a sociedade como uma interconexão organizadora de sistemas nervosos centrais”. A sociedade seria, então, esse esquema de conectar e organizar o sistema nervoso central de cada um. PASSA PARA A CENA DA SÉRIE “THE MAN IN THE HIGH CASTLE”. O PERSONAGEM DIZ: “E NÃO VAMOS ESQUECER... O IMPERADOR É IMORTAL”. Então, quem é o Apolo? O que que ele representa? Apolo é deus do sol, da razão, da ordem. Ele remete à lógica, à prudência e pureza.

O Dionísio é o deus do vinho, da dança, da irracionalidade, do caos e ele remete às emoções e instintos. Vocês já devem tá... vocês já devem perceber aí só pelas definições, como que o homem é o apolíneo e a mulher é o dionisíaco, como que a cultura é o apolíneo, o ocidente é apolíneo e a natureza é dionisíaca... e, por isso, ela (CAMILLE PAGLIA) fala que um dos principais passos da civilização, desse esforço de superar as forças que vêm de baixo da terra, ela fala das realidades ctônicas, que são essas divindades subterrâneas, espírito subterrâneos, mas pensa bem a coisa da terra, que vem de baixo, que nem as deusas mulheres, são as deusas da terra, são as deusas do ventre... a força vem do ventre e quando você troca o paradigma das divindades da Terra pra os deuses do céu, pra os deuses longe da terra... é levados pra longe da natureza... é aí que a gente consegue dominá-lo... é o reino masculino. Ela fala que a gente troca da magia da... que a gente sai da magia do ventre pra magia da mente e a magia da mente a gente domina, mas a magia do ventre, a coisa da natureza é totalmente o reino da mulher. Então, tudo na cultura tem essa coisa apolínea, aérea, mental, se impondo e tentando controlar, não por razões arbitrárias, mas porque a força da natureza é muito poderosa... essas forças da terra elas nos dominam e destroem tudo. Se a gente bobear, elas destroem tudo e mais, mesmo que a gente tome todos os cuidados, mesmo que a gente controle tudo, talvez, ainda assim, ela não supere, porque ela tá acima de nós. Uma das críticas que ela faz é de que as feministas (ELE DEIXOU A PALAVRA 'FEMINISTAS' INAUDÍVEL) se botam pra lutar contra a natureza, porque elas tentam atacar essas coisas da cultura que foram feitas para controlar natureza, então, sobram elas contra a natureza, no fim das contas. Você tenta tirar as relações de poder, você tá lutando contra si e contra tudo. Ela fala também que a tragédia faz parte dessa história, que a tragédia tenta resolver esse problema humano, que é a mulher. Ela fala que a mulher introduz a crueldade e sem transformação na tragédia, porque ela é o problema que o gênero tá tentando corrigir... que a inospitalidade da tragédia à mulher, ela vem da inospitalidade da natureza ao homem... que a identificação da mulher com a natureza, ela é universal em todas as culturas antigas. Ela fala que o companheirismo masculino e o patriarcado foram os recursos aos quais o homem foi forçado, que pro homem, da perspectiva dele, a mulher sempre teve um certo conluio com essas forças subterrâneas, com a natureza... ela é um com a natureza e o fascínio pela natureza é maior do que o de qualquer sociedade, por isso, que é bom valorizar o culto ao céu e a magia mental contra essa onipotência da natureza. Então, é isso galera. Até a próxima!